

Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Programa de Pós-Graduação *Strictu* Senso em Psicologia

AS REPRESENTAÇÕES PSICOPATÓLOGICAS DE AUTORES DE CRIMES
HEDIONDOS ATRAVÉS DO TESTE PROJETIVO *RORSCHACH*

Simone Pereira de Oliveira Azambuja

Orientador: Dr. Pedro Humberto Faria Campos

Goiânia
2012

Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Programa de Pós-Graduação *Strictu* Senso em Psicologia

AS REPRESENTAÇÕES PSICOPATÓLOGICAS DE AUTORES DE CRIMES
HEDIONDOS ATRAVÉS DO TESTE PROJETIVO *RORSCHACH*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Dr. Pedro Humberto Faria Campos

Goiânia
2012

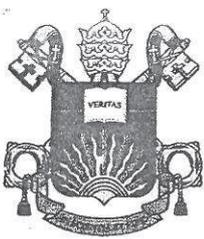
A991R Azambuja, Simone Pereira de Oliveira
As representações psicopatológicas de autores de crimes hediondos através do teste projetivo Rorschach [manuscrito] / Simone Pereira de Oliveira Azambuja. – Goiânia, 2012.
98 f.: il.; 30 cm

Tese (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Goiânia, 2012.

“Orientador: Prof. Dr. Pedro Humberto Faria Campos”.

1. Crime hediondo. 2. Rorschach Teste. 3. Psicopatologia. I. Campos, Pedro Humberto Faria (orient.). II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 159.9.072 (043)



ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS.

No dia 20 de janeiro de 2012, às 10h, no Bloco A, Área IV, Campus I da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, **SIMONE PEREIRA DE OLIVEIRA AZAMBUJA**, discente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia (2010.1.055.004.0025) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, expôs, em Sessão Pública de Defesa de Dissertação de Mestrado, o trabalho intitulado **As representações psicopatológicas de autores de crimes hediondos no exame Rorschach**, para Comissão de Avaliação composta pelos(as) docentes: **Dr. Pedro Humberto Faria Campos** (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Presidente da Comissão), **Dr. Rodolfo Petrelli** (Faculdade Católica Dom Bosco, Membro Convidado Externo), **Dr. Fábio de Jesus Miranda** (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Membro Convidado Interno) e **Dra. Denise Teles Freire Campos** (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Membro Convidado Suplente). O trabalho da Comissão de Avaliação foi conduzido pelo docente Presidente que, inicialmente, após apresentar os docentes integrantes da Comissão, concedeu 30 minutos à discente candidata para que esta expusesse o trabalho. Após a *exposição*, o docente Presidente concedeu a palavra a cada membro convidado da Comissão para que estes arguissem a discente candidata. Após o encerramento das arguições, a Comissão de Avaliação, reunida isoladamente, avaliou o trabalho desenvolvido e o desempenho da discente candidata na exposição, considerada a trajetória deste no curso de mestrado. Como resultado da avaliação, a Comissão de Avaliação deliberou pela:

Aprovação da dissertação

A Comissão de Avaliação declara o(a) discente candidato(a) Mestre em Psicologia. A Comissão de Avaliação pode sugerir alterações de forma e/ou conteúdo consideradas aceitáveis, não impeditivas da aprovação do trabalho. As alterações deverão ser indicadas no Anexo ao presente documento e/ou podem constar na versão lida pelo membro da Comissão de Avaliação para a sessão de defesa da dissertação. Neste caso, a versão lida corrigida deverá ser entregue ao(a) discente candidato(a) no final da sessão. O(A) discente candidato(a) terá o prazo de sessenta (60) dias para os ajustes e entrega da versão final na Secretaria do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, contado a partir da data da sessão de defesa da dissertação.

Aprovação da dissertação mediante reformulação

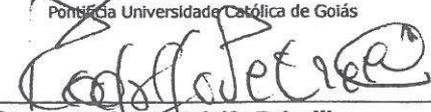
A Comissão de Avaliação determina que o(a) discente candidato(a) terá o prazo máximo de cento e oitenta (180) dias para realizar a reformulação necessária no trabalho, contado a partir da data da sessão de defesa da dissertação. Os pontos para a reformulação deverão ser indicados no Anexo ao presente documento e/ou podem constar na versão lida pelo membro da Comissão de Avaliação para a sessão de defesa da dissertação. Neste caso, a versão lida, contendo os pontos da reformulação, deverá ser entregue ao(a) discente candidato(a) no final da sessão. Dentro do prazo para reformulação supramencionado, o(a) discente candidato(a) deverá solicitar à Coordenação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia nova avaliação do trabalho, a ser feita através de procedimento específico para casos de reformulação.

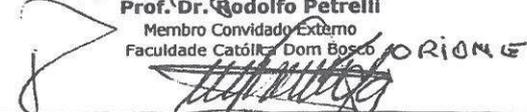
Reprovação da dissertação

A Comissão de Avaliação determina que o trabalho apresentado não satisfaz as condições mínimas para ser considerado dissertação de mestrado válida à obtenção do título de Mestre em Psicologia. O(A) discente candidato(a) pode interpor recurso à decisão da Comissão de Avaliação no prazo máximo de trinta (30) dias, contado a partir da data da sessão de defesa da dissertação.

A Comissão de Avaliação:


Prof. Dr. Pedro Humberto Faria Campos
 Membro Presidente
 Pontifícia Universidade Católica de Goiás

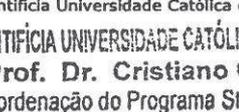

Prof. Dr. Rodolfo Petrelli
 Membro Convidado Externo
 Faculdade Católica Dom Bosco


Prof. Dr. Fábio Jesus Miranda
 Membro Convidado Interno
 Pontifícia Universidade Católica de Goiás


Prof. Dra. Denise Teles Freire Campos
 Membro Convidado Suplente
 Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Para uso da Coordenação/Secretaria do PSSP:


Prof. Dra. Denise Teles Freire Campos
 Coordenadora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia
 Pontifícia Universidade Católica de Goiás


Prof. Dr. Cristiano Coelho
 Vice-Coordenador do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia
 Pontifícia Universidade Católica de Goiás

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

Prof. Dr. Cristiano Coelho

Coordenação do Programa *Stricto Sensu*
em Psicologia - RE.7573

Observações:

1. Documento válido somente se assinado pela Coordenação e pela

Secretaria do PSSP/PROPE/UCG.

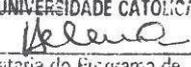
2. _____

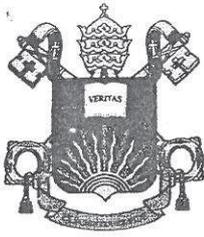
3. _____

Visto Secretaria:

DF nº: 03 / 2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS


Secretaria do Programa de
Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia
Goiânia, 20/01/2012



**PUC
GOIÁS**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Av. Universitária, 1069 • Setor Universitário
Caixa Postal 86 • CEP 74605-010
Goiânia • Goiás • Brasil
Fone: (62) 3946.1070 • Fax: (62) 3946.1070
www.pucgoias.edu.br • prope@pucgoias.edu.br

ANEXO DA ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS.

Discente: SIMONE PEREIRA DE OLIVETRA AZAMBUJA

Matrícula: 2010.1.055.004.0025

Título da dissertação: AS REPRESENTAÇÕES PSICOPATOLÓGICAS DE AUTORES DE CRIMES HEDIONDOS NO EXAME RORSCHACH.

Data do exame: 20 de janeiro de 2012

Correções; modificações; alterações; comentários; observações; pontos para reformulação etc. (Assinatura obrigatória).

Prof. Dr. Pedro Humberto de Faria Campos (Membro Presidente) | Assinatura:

Assinale em caso afirmativo: O exemplar lido para o exame foi entregue ao discente com as correções necessárias.

Observações adicionais (Opcional):

Observation box for Prof. Dr. Pedro Humberto de Faria Campos, containing diagonal lines indicating no additional observations.

Prof. Dr. Rodolfo Petreilli (Membro Convocado Externo) | Assinatura:

Assinale em caso afirmativo: O exemplar lido para o exame foi entregue ao discente com as correções necessárias.

Observações adicionais (Opcional):

Observation box for Prof. Dr. Rodolfo Petreilli, containing diagonal lines indicating no additional observations.

Prof. Dr. Fábio Jesus Miranda (Membro Convocado Interno) | Assinatura:

Assinale em caso afirmativo: O exemplar lido para o exame foi entregue ao discente com as correções necessárias.

Observações adicionais (Opcional):

Observation box for Prof. Dr. Fábio Jesus Miranda, containing diagonal lines indicating no additional observations.

Profa. Dra. Denise Teles Freire Campos (Membro Convocado Suplente) | Assinatura:

Assinale em caso afirmativo: O exemplar lido para o exame foi entregue ao discente com as correções necessárias.

Observações adicionais (Opcional):

Observation box for Profa. Dra. Denise Teles Freire Campos, containing diagonal lines indicating no additional observations.

Ciente do(a) discente:

Simone Pereira de Oliveira Azambuja
Discente Candidata
2010.1.055.004.0025

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Para uso da Coordenação/Secretaria do PSSP:

Visto Secretaria: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DF nº: 03/2012

Secretaria do Programa de
Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia

Goiânia, 20 / 01 / 2012

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao Professor Dr. Rodolfo Petrelli que nos anos de convivência muito me ensinou, contribuindo para meu crescimento científico e intelectual.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por estar sempre comigo dando-me força e coragem.

Às mulheres mais importantes da minha vida, minha mãe Elaine, minha vó Maria, minha Irmã Cinthia e as minhas filhas Isadora, Isabela e Istéfany pelo seu amor, paciência, dedicação, e incentivo, pois sempre estiveram ao meu lado fazendo desse momento a realização de um sonho.

Ao meu pai Josias Ferreira Azambuja, a quem muito amo, que acreditou em mim e me deu suporte necessário.

Ao meu orientador Pedro Humberto Faria Campos pela dedicação, paciência e confiança a mim depositada durante o processo de orientação.

A existência é uma aventura: constrangidos a existir para sermos autores da “existência” na liberdade da escolha, na autenticidade ou na decadência, como “autores” de uma história, a nossa história, a história humanidade.

Heidegger

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	13
CRIME HEDIONDO, AGRESSIVIDADE E PSICOPATOLOGIA	13
1.1. O Crime Hediondo: do Campo Social ao Campo Jurídico.....	13
1.1.1 O Homicídio e o Campo do Crime Hediondo	14
1.2. A Agressividade Humana, Violência e Crime	18
1.3. A Psicopatologia Aplicada ao Campo do Crime Hediondo	25
1.3.1 A Criminologia e o a Busca do Perfil do Criminoso	25
1.3.2 Psicopatologia e Crime	28
1.3.3 A Epilepsia no Campo do Crime	35
1.3.4 O Transtorno de Personalidade no Campo do Crime	36
1.3.5 Narcisismo e Crime	37
1.3.6 O Transtorno de Personalidade Antissocial no Campo do Crime	39
CAPÍTULO II.....	44
PSICOPATOLOGIA NO PROTOCOLO RORSCHACH	44
2.1 O Psicodiagnóstico Rorschach	44
2.2 A Psicopatologia no Protocolo Rorschach	46
2.3 A Fenomenologia do Humano no Protocolo Rorschach	51
2.3.1 Epilepsia no Rorschach.....	53
2.3.2 Narcisismo no Rorschach	54
2.3.3 Psicopatía no Rorschach	56
CAPÍTULO III	58

REPRESENTAÇÕES PSICOLÓGICAS EM AUTORES DE CRIME HEDIONDO, UM ESTUDO EMPÍRICO	58
3.1 O Método Fenomenológico.....	58
3.1.1 Instrumento.....	63
3.1.2 Sujeitos do Estudo.....	63
3.1.3 Procedimentos.....	63
3.2 Resultados.....	64
3.2.1 Sujeito I - Histórico de vida e criminal: José.....	64
3.2.2 Sujeito II - Histórico de vida e criminal: João.....	68
3.2.3 Sujeito III - Histórico de vida e criminal: Fábio.....	73
3.2.4 Sujeito IV - Histórico de vida e criminal: Hélio.....	76
3.2.5 Sujeito V - Histórico de vida e criminal: Vagner.....	81
3.3 Análise e Discussão.....	85
CONCLUSÃO	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi verificar as possíveis psicopatologias existentes em autores de crimes hediondos através Psicodiagnóstico *Rorschach*. Para coleta de dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas abordando a história de vida e criminal de cada um dos cinco sujeitos participantes deste estudo, e ainda o teste *Rorschach* que forneceu uma série de dados e estruturas perceptivas. Esses dados foram analisados pelo método fenomenológico por se adaptar a compreensão da realidade humana tornando possível a compreensão através do ato intuitivo, as estruturas constitutivas da experiência humana, especialmente a presença de psicopatologias. Foi possível concluir que autores de crime de homicídio que utilizam de requintes de crueldades em seus crimes são portadores de psicopatologias, pois três dos cinco sujeitos deste estudo apresentaram transtorno de personalidade antissocial e dois portadores de epilepsia. Foi possível ainda confirmar que o Psicodiagnóstico *Rorschach* é um teste projetivo capaz de captar a vivência subjetiva do sujeito, bem como seus dinamismos psíquicos, suas áreas de potencialidades e de patologia.

Palavras-chaves: Crime Hediondo, Psicodiagnóstico *Rorschach*, Psicopatologia

ABSTRACT

The aim of this paper was to check the possible existing psychopathologies in authors of heinous crime through the *Rorschach* Psychodiagnosis. To data collection run it was used semi-structured interviews giving consideration to the life and criminal story of each one of the five individuals who participated of this study, and also the test *Rorschach* that offered a series of data and perceptive structures. These data were analyzed through the phenomenological method because it can be adapted to the comprehension of the human reality making it possible the comprehension through the intuitive act, the constitutive structures of the human experiences, especially the presence of psychopathologies. It was possible to conclude that authors of homicide that use exquisite manners in their crimes are people who suffer from psychopathology, it was observed that three out of five individuals of this study present Antisocial Personality Disorder and two of them suffer of epilepsy. It was possible to check that the *Rorschach* Psychodiagnosis is a projective test not only able to capture the subjective life of the individual but also their psychic dynamisms, the areas of potentials and pathology.

Key words: Heinous crime, *Rorschach* Psychodiagnosis, Psychopathology

INTRODUÇÃO

Com o desejo de compreender a estrutura complexa e dinâmica do comportamento dos autores de crime hediondo e de refletir sobre sua história, colocando-se a disposição de desvelar respostas e soluções para o incontido e sempre renovado potencial de violência e agressividade humana, este trabalho teve por objetivo investigar as possíveis configurações psicopatológicas existentes em autores de crime hediondo através do Psicodiagnóstico *Rorschach*, em específico o crime de homicídio por se tratar do crime mais grave, pois tira do outro seu bem mais precioso, a vida.

No decorrer deste estudo foram abordados assuntos que contribuem para compreensão e entendimento do assunto abordado, iniciando por um estudo sobre a história da lei de Crime Hediondo tanto no contexto jurídico quanto no contexto social, o surgimento da lei na história brasileira, seus erros e alterações no decorrer dos anos, e ainda o Homicídio e o Campo do Crime Hediondo, que teve como objetivo compreender o crime de acordo com o código penal e os elementos que o constitui, incluindo a agressividade humana e a Psicopatologia como forma de violência com maior ênfase na epilepsia, nos transtornos de personalidade narcísica e Antissocial, e ainda a prática do crime através da história e a busca incessante do perfil do criminoso.

No capítulo dois buscou o conhecimento sobre de que forma a psicopatologia se manifesta nos protocolos *Rorschach* no através da fenomenologia do humano, das análises qualitativa e quantitativa das projeções indicativas de distúrbios epiléticos, narcísicos e antissocial.

Já no capítulo três foi apresentado um estudo empírico sobre as representações psicopatológicas em autores de crimes hediondo, de cinco sujeitos autores de crime hediondo com requintes de crueldade, estudo realizado através do método fenomenológico com utilização de entrevista semiestruturada e o Psicodiagnóstico *Rorschach*, a análise dos

dados seguiu os critérios teóricos apresentados no capítulo dois. A conclusão deste estudo foi satisfatória atingindo os objetivos proposto.

CAPÍTULO I

CRIME HEDIONDO, AGRESSIVIDADE E PSICOPATOLOGIA

1.1. O Crime Hediondo: do Campo Social ao Campo Jurídico

A palavra hediondo é de origem latina, sendo derivada da palavra *foetere*, tem por significado “feder”, ou seja, algo repulsivo, horrendo. (Moreira, 2002)

Segundo Leal (1996) para conceituar crime hediondo primeiramente é necessário levar em consideração o próprio sentido semântico do termo hediondo, que tem o significado de um ato profundamente repugnante, imundo, horrendo, sórdido, ou seja, um ato profundamente nojento, segundo os padrões da moral vigente. Assim pode-se dizer que crime hediondo é aquele que causa forte e consensual repugnância por ofender, de forma intensa, os valores morais e legítimos, como por exemplo o sentimento de piedade, fraternidade, solidariedade, e de respeito à dignidade da pessoa humana. Portanto, o conceito de crime hediondo surge em padrões de comportamento que fogem dos padrões éticos de comportamento social, onde seus autores possuem extremo grau de perversidade, perniciosidade ou periculosidade.

A iniciativa de classificar certas condutas como crimes hediondos está vinculada ao julgamento, por parte dos legisladores, que tais crimes merecem sempre uma resposta punitiva acentuadamente mais grave e mais severa do que a prevista para as demais infrações penais. Esta pena se configura independente de qual seja seu autor, com sua personalidade e sua conduta social antecedente; quais sejam os motivos, as circunstâncias e as consequências do crime; ou qual tenha sido o comportamento da vítima. Segundo Leal (1996), trata-se, portanto, de um conceito puramente formal, de mera colagem, que contraria a própria

natureza das coisas, pois a lei criou uma presunção compulsória do caráter profundamente repulsivo do ato incriminado: de forma discricionária e apriorística, decidiu o legislador marcar certas condutas criminosas, já tipificadas na lei positiva, com rótulo da hediondez absolutamente obrigatória.

Em função dos inúmeros problemas sociais, dentre eles a crescente taxa de crimes dos anos 80, o Brasil buscou meios de combater a violência, tendo sido criados muitos projetos de leis e entre eles o da Lei de Crime Hediondo, num momento onde acontecia muitos casos de extorsões mediante sequestro que tinha como vítimas figuras importantes da elite econômica social do país. (Leal, 1996)

Assim, em 25 de julho de 1990 foi criada a Lei 8.072 que estabelece como crimes hediondos os seguintes crimes, consumados ou tentados: latrocínio, extorsão qualificada pela morte, extorsão mediante sequestro de forma qualificada, estupro, atentado violento ao pudor, epidemia com resultado de morte, envenenamento de água potável ou de substância alimentícia ou medicinal qualificado pela morte, genocídio e todos do Código Penal (BRASIL, 1940; BRASIL, 1990).

1.1.1 O Homicídio e o Campo do Crime Hediondo

O crime de homicídio é um fato típico, humano e culpável, por ser a destruição da vida humana alheia, isto é, da vida do outro homem ou mulher. É um ato incriminado de matar, e o bem jurídico protegido é a vida humana. O sujeito ativo do crime de homicídio pode ser qualquer pessoa, isto é, ser humano; sujeito passivo é também, qualquer pessoa, ou seja, qualquer ser vivo nascido de mulher (Vieira, 2005).

O homicídio é um crime de ação livre, uma vez que o tipo não descreve forma de atuação específica da conduta delitiva. Desse modo, o agente pode praticar o crime por qualquer meio, direto (por ação direta contra a vítima: disparo de arma de fogo, golpe de

arma branca, envenenamento, transmissão de vírus letais), indireto (coação ao suicídio, açular um cão contra a pessoa que se quer matar), por meios morais ou psíquicos (o agente utiliza o estado de medo ou de emoção súbita para alcançar o seu objetivo), por omissão (abstenção do dever jurídico de agir) (Souza, 2004).

Os elementos de um delito de homicídio são dois: o dolo e culpa. O primeiro pode ser direto ou indireto e a segunda consciente ou inconsciente. Observa-se, que o dolo é a mais grave forma de culpabilidade, pois o agente pratica o delito por vontade livre e consciente: age querendo o resultado e assumindo o risco de produzi-lo (Vieira, 2005).

O homicídio tem por elemento subjetivo o dolo, quando o agente quis (dolo direto) ou assumiu o risco de produzir (dolo eventual) o resultado morte; a culpa, quando a morte é ocasionada por negligência, imperícia ou imprudência do agente (Mirabete, 1989).

Entre o primeiro pensamento, que é o ponto de partida da ação delituosa e o ato perfeito de sua consumação, medeiam, pelo menos, três degraus, como se sabe: a cogitação (por inteiro, com suas implicações e variações), a preparação e a execução. Concebida a ideia, o indivíduo reflete mais ou menos demoradamente sobre ela. Vê se que no estado de consciência imediatamente anterior à ação, estado anterior no qual, pouco antes de ser presa da emoção violenta, ainda por último vislumbre da realidade, num derradeiro, e mais ou menos senhor do seu raciocínio, o indivíduo pode querer o resultado e assumir o risco de produzi-lo e avaliar o caráter criminoso do fato (Vieira, 2005).

A omissão do legislador de 1990, que deixou de incluir o homicídio doloso, principalmente o qualificado, no rol dos crimes hediondos, foi uma enorme janela aberta por onde se vislumbrava, de forma inquestionável, para Toledo (1992), o grande ou o pior equivoco da Lei de Crime Hediondo: o mais grave dos crimes, não havia recebido o rótulo legal da hediondez. Para o ministro do STJ e eminente penalista Francisco de Assis Toledo, não havia dúvida de que a ausência do homicídio no rol dos crimes hediondos representava

um verdadeiro contrassenso que precisava ser evitado, pois afrontava a mais elementar regra da lógica jurídica.

Segundo Monteiro (2010) a inclusão do homicídio entre os crimes hediondos de alguma forma vem ao encontro de algumas posições doutrinárias que não se conformavam com a sua não inclusão já na versão inicial da lei que não se justificava a ausência do homicídio qualificado, sobretudo se praticado com requintes de hediondez. Atendendo sobretudo a anseios populares, já que o projeto de lei que deu origem a Lei n.8.930, de 06 de setembro de 1994, foi incentivada por mais de um milhão de assinaturas, campanha liderada pela escritora Glória Perez, mãe da atriz Daniella Perez, assassinada de forma brutal no dia 28 de dezembro de 1992, e por Jocélia Brandão, mãe da menina Mírian, sequestrada e morta por dois rapazes em Belo Horizonte, no início de 1993. Assim, foi acrescentado o inciso ao art. 1º da Lei no 8.072, de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos.

De acordo com Código Penal (2001) a lei penal, ao normatizar o homicídio, distinguiu várias subespécies: homicídio simples (art. 121, *caput*), homicídio privilegiado (parágrafo 1º), homicídio qualificado (parágrafo 2º) e homicídio culposo (parágrafo 3º). O homicídio simples é a figura típica descrita no *caput* do art. 121 do CP. Constitui o tipo básico fundamental do crime, é o que contém os componentes essenciais do crime.

O art. 121, parágrafo 1º do Código Penal define o homicídio privilegiado como o fato de o sujeito cometer o crime impelido por motivo de relevante valor social ou moral, ou sob o domínio de violenta emoção, logo em seguida à injusta provocação da vítima. Não se trata, portanto, de delito autônomo, mas de um caso de diminuição de pena, em virtude de circunstâncias subjetivas especiais que caracterizam o tipo penal.

O homicídio é considerado qualificado quando praticado em qualquer das circunstâncias previstas no parágrafo 2º, do art. 121 do Código Penal. Trata-se de causa especial de aumento da pena. No homicídio qualificado, a lei acrescenta ao tipo penal básico

um evento mais grave que o previsto no tipo simples, cominando ao fato pena mais severa. Dizem respeito aos motivos determinantes do crime e aos meios e modos de execução, que demonstram maior periculosidade ou perversidade do agente, tornando o fato mais grave do que o do homicídio simples.

É qualificado, nos termos do parágrafo 2º, o homicídio praticado: “I - mediante paga ou promessa de recompensa, ou por outro motivo torpe”. Nessa modalidade, o agente pratica o crime mediante pagamento, promessa de recompensa ou por qualquer motivo objeto, repugnante, ignóbil, desprezível, vil, imoral, que denota a depravação espiritual do sujeito e suscita repulsa geral; “II motivo fútil”. O motivo fútil também é uma qualificadora subjetiva que se refere aos motivos. Considera-se fútil o crime praticado por motivo frívolo, mesquinho, insignificante, desproporcional, do ponto de vista do homem médio; “III emprego de veneno, fogo, explosivo, asfixia, tortura ou outro meio insidioso ou cruel, ou de que possa resultar perigo comum”. Essa é uma qualificadora objetiva, porque diz respeito à forma de execução do crime. Nessas hipóteses, a conduta do agente demonstra certa periculosidade, crueldade que dificultam a defesa da vítima ou coloca em risco a incolumidade pública; “IV à traição, de emboscada, ou mediante dissimulação ou outro recurso que dificulte ou torne impossível a defesa do ofendido”.

Embora a lei não defina a culpa, registra o homicídio culposo no art. 121, parágrafo 3º do Código Penal, limitando suas modalidades no art. 18 do mesmo, quais sejam: a imprudência, a negligência e a imperícia. O homicídio será culposo quando, a conduta causadora do resultado morte decorrer de negligência, imprudência ou imperícia, ou seja, quando houver a quebra do cuidado objetivo necessário, fundado na previsibilidade objetiva.

Para uma melhor visão e compreensão do problema de violência que resulta em mortes por homicídio, o Instituto Sangari lançou recentemente o mapa da violência do ano de 2011, no qual foram levantados os dados de 5.565 municípios brasileiros. O mapa mostra

que nos últimos trinta anos cerca de 1.091.125 (um milhão noventa e um mil e cento e vinte e cinco) pessoas morreram vítimas de homicídio no Brasil, sendo o ano de 2009 o ano mais violento com 51.434 (cinquenta e um mil quatrocentos e trinta e quatro) mortes. Mesmo levando em consideração o crescimento da população, que segundo IBGE foi um aumento de 60,3% nos últimos trinta anos, o índice de mortalidade também aumentou, pois passou de 11,7 homicídios em 100 mil habitantes em 1980 para 26,2 em 2010, um aumento de 124% no período ou 2,7% ao ano. (Flacso, 2011).

Nos 12 maiores conflitos mundiais, que representam 81,4% do total de mortes diretas em guerras, nos últimos 4 anos (2006 a 2010) foram vitimadas 169.574 pessoas. Nesses mesmos 4 anos, no total dos 62 conflitos, morreram 208.349 pessoas. No Brasil, país sem disputa territoriais, movimentos emancipatórios, guerras civis, enfrentamentos religiosos, raciais ou étnicos, morreram mais pessoas (192.804) vítimas de homicídio, que nos 12 maiores conflitos armados no mundo. Países com número de habitantes semelhante ao do Brasil, como Paquistão, com 185 milhões de habitantes, têm números e taxas bem menores que os nossos.

1.2. A Agressividade Humana, Violência e Crime

Lorenz (1963) afirma que agressão é, sobretudo um impulso biologicamente adaptativo, desenvolvido evolucionariamente, que serve à sobrevivência do indivíduo e à da espécie. Mas, uma vez que também aplicou o conceito de “agressão” à volúpia de sangue e à crueldade, e que as guerras são tomadas como tendo suas causas no prazer de matar, a conclusão que se segue é a de que as guerras são causadas por uma tendência destrutiva, inata na natureza humana. O homem atua, amiúde, cruel e destrutivamente, o que pode levá-lo a sentir uma satisfação intensa; massas humanas podem de repente, ser tomadas de uma

paixão por sangue. Os indivíduos e os grupos podem apresentar uma determinada estrutura de caráter que os levem a aguardar ansiosamente – ou a criar – situações que permitam a expressão da destrutividade.

De acordo com Fromm (1997) a história do homem é um registro de extraordinária destrutividade e crueldade, e a agressão humana, parece que sobre passa de muitos as dos ancestrais do homem, sendo este, em contraste com a maioria dos mamíferos, um autêntico “assassino”, pois nele está presente a agressão biologicamente não-adaptativa, maligna, isto é, a destrutividade e a crueldade não constituem somente defesa contra uma ameaça; não é filogeneticamente programada; é característica apenas do homem; suas manifestações principais – o ato de matar e a crueldade – são prazerosas sem necessitarem de qualquer objetivo; é danosa, não apenas à pessoa atacada, mas também à que ataca. A agressão maligna, embora não seja um instinto, é um potencial humano enraizado nas próprias condições da existência humana. O homem, além de destruir o seu semelhante, destrói-se a si mesmo, completando o ciclo da crueldade. Mas, além da crueldade, a violência pode ser pensada na vertente de agressividade, que é um significado bastante admitido e elaborado pela psicanálise, sob o prisma da subjetividade.

A agressão como faculdade vital essencial é tão inerente à existência humana como os órgãos que a constituem. É inata ao homem, mas não é sua condição exclusiva. O que é exclusivo do ser humano, à vista da sua racionalidade, é a violência, não a agressão, que é própria, biologicamente, de todo ser vivente. Assim, toda violência é agressão, mas nem toda agressão é violência. Isso impõe uma distinção rigorosa entre ambas. A agressão é impulso natural do homem, como ser vivo. Darwin (1859), Freud (1933), Lorenz (1963) e McDougall (1932), por exemplo, enfatizam a teoria instintivista, que explica a agressão humana a partir da origem animal do homem (SOUSA, 2004).

Segundo Storr (1970) o homem como espécie, está ameaçada pela própria destrutividade e jamais aprende controlá-la a menos que se compreenda melhor, pois, no decorrer de toda a história, o homem tem sido atormentado pela ignorância sobre sua própria natureza e tem preenchido a lacuna com fantasias utópicas sobre o que ele quer ser, em vez de enfrentar a realidade do que ele é. O homem é um ser inteligente, dotado de uma consciência intencional, livre para opções e decisões. Não é cruel e destrutivo por instinto, mas por intencionalidade. É preciso entendê-lo, então, a partir de um significado existencial das suas necessidades básicas, resultantes da singularidade e contradições da situação humana.

Para Huss (2011) estudar o potencial da destrutividade humana é interessante e pode esclarecer certos pontos em comum entre grandes manifestações de destrutividade, como são as guerras, os genocídios, torturas, o terrorismo e talvez, manifestações incomuns da personalidade humana, baseadas na psicopatologia, na psicologia e nas neurociências. A evolução dos conceitos sobre a Personalidade Psicopática transcorreu, durante mais de um século, oscilando entre a bipolaridade orgânica-psicológica, passando a transitar também sobre as tendências sociais e parece ter aportado, finalmente, numa ideia biopsicossocial que, senão a mais verdadeira, ao menos se mostrou a mais contundente.

Segundo Fromm (1987) não é improvável que existam inibições contra o ato de matar também em relação aos outros seres humanos, contanto que haja o sentido da identidade e da empatia. Temos de começar com a consideração de que, para o homem primitivo, o “estranho”, o indivíduo que não pertence ao mesmo grupo, era quase sempre sentido não como um companheiro, mas como “alguma coisa” com a qual não se identificava. Há geralmente, maior relutância em matar um membro do mesmo grupo, e a mais severa punição às transgressões, na sociedade primitiva, era o ostracismo, não a pena de morte.

Fromm (1987) afirma ainda que para o homem não faz qualquer diferença, o fato de o objeto de agressão ser uma pessoa estranha, ou um parente próximo ou um amigo; o que

acontece é que o agressor isola emocionalmente a outra pessoa e a “congela”. O outro deixa de ser tomado como um ser humano e transforma-se numa “coisa que está ali”. Nessas circunstâncias, não se apresentam inibições nem mesmo contra as formas mais intensas de destrutividade. Há adequadas comprovações clínicas para a afirmação de que a agressão destrutiva ocorre, pelo menos em alto grau, em conjugação com a ausência emocional momentânea ou crônica.

Freud (1921) foi mais longe e mostrou não apenas que há forças que operam no homem, das quais ele não tem consciência, e que as racionalizações protegem-no da percepção dessas forças, como também explicou que tais forças inconscientes acham-se integradas num sistema a que deu o nome de “caráter”, num sentido novo e dinâmico. Para Laplanche e Pontalis (1988), a agressividade não se resume apenas em ação motora violenta e destruidora. Em todo comportamento, seja ele negativo, positivo, simbólico ou efetivamente concretizado, a agressão pode se fazer presente.

A agressividade é uma forma de proteção necessária contra o ataque violento e, também, base de realização intelectual e da consecução de independência (Storr, 1970).

Na dinâmica de um comportamento agressivo está sedimentado o sentimento (plexo) de inferioridade. De acordo com Vieira (2005), pode não ser simplesmente produto da imaginação; geralmente a ação agressiva se baseia num sentimento de passividade, e, por isso, o ato violento se acha ligado à incapacidade.

O ato criminoso revestido de violência quer cometido individualmente, quer em colaboração com outros, consegue quase sempre amenizar o sentimento de inferioridade, libertando o indivíduo de sua carga emocional decorrente da própria personalidade (Vieira, 2005, p. 31).

Segundo Storr (1970) as manifestações mais deploráveis de agressão partilham de raízes idênticas com as partes valiosas e essenciais do esforço humano; sem a parte agressiva

e ativa da sua natureza, o homem seria muito menos capaz de dirigir o curso da sua vida ou de influenciar o mundo que o cerca. O homem jamais poderia ter atingido sua atual dominância, nem mesmo sobrevivido como espécie, a menos que possuísse um grande dote de agressividade.

As abordagens biológicas, teorias assentadas nos fatores genéticos, bioquímicos, neurológicos e psicofisiológicos, tais como a teoria lombrosiana, que interpreta o homem destrutivo como um tipo atávico, isto é, um indivíduo no qual haveria uma regressão ao Homem primitivo ou mesmo a formas pré-humanas (Lombroso, 2001); as teorias psicodinâmicas tentam explicar a agressão humana como reação a frustrações, abuso e falta de amor na infância; o behaviorismo, que sustenta que a agressão é um comportamento aprendido. O homem é condicionado pelo reforço a se comportar de certo modo. Com efeito, a questão é bastante complexa, e implica estudar o fenômeno, de modo a dar conta dos fatores que determinam a sua manifestação no ser humano. Tenta-se seguidamente demonstrar a necessidade de incluir os fundamentos filogenéticos e sociais no diagnóstico da agressividade humana.

Segundo Lopes (2008) o indivíduo, ao nascer, contém em si todas as tendências delituosas, visto que procura satisfazer suas necessidades vitais sem levar em conta absolutamente o prejuízo que possa ocasionar ao meio que rodeia. Somente a lenta e penosa ação coercitiva da educação o irá ensinando que sua conduta resultará sempre de um compromisso, de uma transação entre a satisfação de suas necessidades e as dos demais. Esta aprendizagem depende, como é natural, de vários fatores: o meio em que se realiza a técnica de ensinamento, a capacidade discriminativa do indivíduo, a força ou intensidade de seus instintos. Pois todo indivíduo no qual tal aprendizagem foi insuficiente por qualquer causa está destinado a delinquência: neste caso, o delito terá lugar fatalmente, quando a energia da

tendência à ação transborde os limites compatíveis com sua satisfação ou descarga social; isto é, da ação delituosa e, uma vez nele, será difícil voltar ao seu leito.

Segundo Fernandes & Fernandes (2002) os homens não são criaturas gentis e amáveis que desejam o amor; um alto grau de desejo de agressão deve ser considerado como parte de suas qualidades instintivas. Diz que essa agressividade é uma manifestação consciente do instinto de morte.

De acordo com Rodrigues, Assmar & Jablonski (2002):

Agressão é tão intrinsecamente associada à natureza humana que ela, inevitavelmente, terá que encontrar uma forma de expressão, incluindo-se aqui os teóricos que defendem uma base biológica para os comportamentos agressivos quais sejam os psicanalistas, os etólogos e os sociobiólogos (Rodrigues, Assmar & Jablonski, 2002, p. 85).

Conforme Fernandes e Fernandes (2002) o desafio que a vida em sociedade apresenta não se limita a apontar uma única e simplificada explicação do “porquê” o homem mata outro homem, mas de descobrir o “porquê”, em circunstâncias similares, um homem mata, outro socorre e um terceiro finge que nada viu. A explicação não pode estar em supostos instintos humanos que tenderiam a dirigir sempre todos os homens numa única direção, mas, principalmente, nas experiências de suas vidas inteiras, que variam amplamente de uma pessoa para outra. Independentemente de haver uma agressividade latente em determinadas pessoas, não há como negar que nos centros densamente povoados e notadamente nas grandes cidades, essa agressividade advém principalmente das desigualdades sociais, da pressão do enxuro demográfico, do sentimento de impunidade que também funciona como fator recidividade, dos estados de mal vivência do desencontro familiar e comunitário, total desregramento da moral e dos costumes, das agruras e frustrações individuais, da ostentação de opulência de pessoas privilegiadas, do desvirtuamento dos meios de comunicação de

massa, da poluição ambiental, da irrealidade e nepotismo das leis, do contágio psicológico com vícios e com os próprios delitos. Esta agressividade que conta. É a agressividade ditada pelas malformações da própria sociedade. Dela sempre poderá nascer o crime, pois, no seu ápice, tal agressividade permite corromper, fraudar, violentar, ferir, roubar e matar.

Diante da recorrência com que se desencadeiam atos individuais ou coletivos de agressão, com que se deflagram guerras por territórios, por motivos religiosos ou econômicos, com que se hostilizam entre si grupos raciais, políticos ou esportivos, com que se desentendem cônjuges, familiares, amigos, inimigos, estranhos, não raro atingindo níveis de profunda violência física e psicológica, as projeções assumem perspectivas assustadoras. Das crianças aos idosos, ninguém parece estar imune a agredir e a ser agredido e, qualquer que seja a motivação subjacente à violência de uns contra os outros, não há como negar a gravidade do problema. É alta a demanda social por ações e intervenções apoiadas em bases sólidas oriundas de descobertas científicas, no sentido de se buscarem respostas e soluções compatíveis com o alcance do fenômeno e de suas repercussões para a sociedade como um todo (Rodrigues, Assmar e Jablonski, 2002).

Outro aspecto é analisado por Goffman (2003) ao apontar que a estigmatização de indivíduos “marginalizados socialmente” pode ter repercussões na conduta violenta. O indivíduo estigmatizado pode apresentar a outras pessoas um eu precário, sujeito ao insulto e ao descrédito. A estigmatização daqueles que têm maus antecedentes morais pode ser considerado como comportamento desviante, a partir do qual os indivíduos são percebidos como incapazes de usar as oportunidades disponíveis para seu bom desenvolvimento. Assim a estigmatização pode gerar um desrespeito evidente por seus semelhantes, faltando ao indivíduo estigmatizado a moral, representando defeitos nos esquemas motivacionais da sociedade.

1.3. A Psicopatologia Aplicada ao Campo do Crime Hediondo

1.3.1 A Criminologia e o a Busca do Perfil do Criminoso

Segundo Ballone (2002), desde o século XIX acredita-se que elementos ou fatores internos ou externos, definiam uma espécie de homem criminoso. Pode-se dizer que o estudo científico do perfil do criminoso começa com os estudos de Lombroso (1835 - 1909), com uma abordagem que intencionava ser morfológica e anatômica, enfatizando aspectos antropológicos que pressupunham um conjunto de estigmas biológicos que caracterizaram o criminoso e revelariam nele resquícios de um nível inferior da escala do desenvolvimento humano. Nasce então a teoria do criminoso nato, um ser degenerado, marcado por uma série de características físicas e estigmas corporais, tais como anomalias do crânio, em forma de asa, formas do nariz entre outros; assinalava também, defeitos na formação dos indivíduos. Segundo esta teoria a persistência no crime revela o criminoso nato, principalmente se tal ocorresse antes da juventude.

A parte central do estudo de Lombroso (1885 – 1909), a Craniologia e a Fisiognomia, foram as técnicas mais discriminadas e refutadas de seu trabalho, mencionada por repetidas vezes em sua obra, foi o método responsável pelo seu acervo e memorial preservado em Turim na Itália, chamado Museodi Antropologia Criminale, onde antes funcionava como Museu de Psiquiatria e Criminologia por ele fundado.

Um dos precursores de Césare, foi Philippe Pinel (1745 – 1826), que após realizar a anamnese do paciente passava à sua terapêutica o “Tratamento Moral”, associando a patologia com a forma do crânio, através da Craniologia, constata-se que na época era corrente na psiquiatria a vertente da comparação entre psiquismo e anatomia.

A parte encefálica que mais interessa ao estudo concernente à obra de Lombroso (1885 – 1909) corresponde ao sistema límbico que pode ser considerado o substrato neural

para o comportamento relacionado à motivação e à emoção desde os primatas, correspondendo ao paleoencéfalo, paleopálio ou paleomamífero, desta forma compõem o diencéfalo o sistema límbico que possui em sua configuração o tálamo estrutura mais profunda, o epitálamo, o hipocampo, o hipotálamo, as amígdalas, o cíngulo e a região do septo, são as partes mais antigas do cérebro, algumas presentes nos primeiros seres, os primitivos, os reptilianos, detentores de um arquepálio, nestes seres de sangue frio, o bulbo olfatório executava a coordenação de respostas a estímulos, é a organização da captura sensitiva dos odores, funcionando a bem da fuga, do enfiamento e da cópula. Segundo O'shea (2010) nos primatas a área límbica especificamente no hipocampo tem sua regulação correspondente à formação de memória, automaticamente onde se preserva a noção do comportamento agressivo, a parte instintiva.

A partir de Lombroso passou a classificar os criminosos em cinco tipos: a) Criminoso Nato, de natureza diferente da do homem normal, instintivo e cuja inclinação para o crime resultava de seu patrimônio genético. Esse conceito nada difere do atual sociopata; b) o Criminoso Louco ou Alienado, no qual existia uma perturbação mental associada ao comportamento criminoso; c) o Criminoso Profissional, que não possui os estigmas biológicos inatos, como os anteriores, mas que se tornava criminoso por forças e pressões do seu meio. Este criminoso por um crime ocasional e pode reincidir; d) o criminoso primário, que cometerá um ou outro delito por força de um conjunto de fatores circunstanciais do meio, mas não tenderia para a reincidência; e) o Criminoso por Paixão, vítima de um humor exaltado, de uma sensibilidade exagerada, “nervoso”, explosivo e inconsequente, a quem a contrariedade dos sentimentos leva por vezes a cometer atos criminosos, impulsivos e violentos, como solução para as suas crises emocionais.

Para Ballone (2002), as principais teorias psicológicas da criminalidade podem ser agrupadas em duas linhas gerais sendo uma personalista e outra interacionista. A primeira

centrada na pesquisa das diferenças que caracterizam a dita personalidade criminosa específica do criminoso e determinadora do ato delinquente. A posição desta teoria é defendida nos seguintes pontos: a) o criminoso é um homem como outro qualquer, só se diferenciando por uma maior aptidão para ato criminoso. A personalidade criminosa seria descrita através de traços psicológicos agrupados numa determinada característica. Essa característica englobaria os traços de agressividade, egocentrismo, labilidade e indiferença afetiva, sendo estes os elementos responsáveis pelo ato delituoso, enquanto as variáveis, tais como o temperamento, as aptidões físicas, intelectuais e profissionais, as razões aparentes, e as necessidades seriam responsáveis pelas diferentes modalidades desse ato; b) a personalidade criminosa, considerada na sua globalidade, seria dinâmica em relação aos seus diferentes traços constitutivos e adaptabilidade social. E a segunda linha que de acordo com Ballone (2002) concebe-se a ideia de que as ações delituosas são resultantes de um conjunto de traços de personalidade determinante de uma conduta criminosa, mas resultam da interação entre determinados contextos e situações do meio juntamente com um conjunto de processos cognitivos pessoais, afetivos e vivenciais, os quais impelem a pessoa interpretar a situação de uma forma particular e agir de acordo com o significado que lhe atribui.

De Greeff (1946) numa visão interacionista considera o criminoso com sua história pessoal, e o conjunto de processos psicológicos, afetivos, morais, sociais, etc; capazes de conduzirem eventualmente, a criminalidade. Assim o delinquente passa a ser encarado como qualquer outra pessoa detentor de uma história particular e opções pessoais realizadas em função desta história. A partir de então se necessita conhecer profundamente o criminoso naquilo que ele tem de mais específico: sua personalidade específica e pessoal e não mais uma personalidade geral e própria dos homens criminosos.

A herança poderá ser um fator predisponente ao crime, não fator de sua ação direta que prescinde de uma base com circunstâncias favoráveis. Para Fernandes e Fernandes (2002)

um paranoico homicida talvez transmita a seu filho uma constituição paranoica que poderá levá-lo ao homicídio, porém, isto não é herança criminal, pois o crime é só um acidente. O importante é a herança patológica mental. O pai pode ser um simples neuropata, tornando-se homicida por circunstância totalmente eventual, enquanto o filho pode vir a sê-lo como consequência, por exemplo, de um delírio de perseguição.

Lopes (2008) afirma que o caráter também é um fator de importância para a descrição da personalidade do criminoso, pois o caráter constitui o termo de transição entre os fatores endógenos e os fatores exógenos integrantes da personalidade, e representa definitivamente o resultado de sua luta.

Práticas parentais familiares são um dos fatores de risco para o desenvolvimento de problemas de comportamento como delinquência ou distúrbio antissocial. Onde o infrator é oriundo de ambientes coercitivos, nos quais a violência física e o abandono são constantes. A ligação entre a falta de afeto por parte das figuras parentais e o crime é baseada na proposição de que a carência prejudica fortemente a capacidade para constituir relações afetivas com os outros, leva, segundo Feldman (1979), ao desenvolvimento de comportamento infrator futuro, ou seja, o indivíduo que viveu em ambiente com carência ou ausência de relações afetivas consistentes poderá prejudicar o outro sem remorso. A vítima potencial é aquela que representa o algoz do transgressor ou que, simplesmente nada significa. Isso porque os vínculos afetivos que, sequer foram desenvolvidos com os pais, não poderão, portanto, ser generalizados para estranhos.

1.3.2 Psicopatologia e Crime

O termo psicopatologia foi criado por Jeremy Bentham, em 1817. *Psyché* significa alma; *páthos*, sofrimento ou doença; e *logos*, estudo ou ciência. No entanto, Esquirol e

Griesingner, com seus trabalhos publicados respectivamente na França em 1837 e na Alemanha em 1845, é que são considerados os criadores da psicopatologia.

A expressão *Psicopatologia*, que deu nome ao que muitos médicos faziam principalmente na França, na Alemanha e na Inglaterra, durante todo o século XIX, inaugurou a tradição médica que se manifesta, até hoje, nos tratados de psiquiatria e de psicopatologia médica. O aparecimento da *Psicopatologia* como disciplina organizada se dá com a publicação da *Psicopatologia Geral* no ano de 1913 de Karl Jaspers, psiquiatra e filósofo, no início do século XX. Jaspers visava descrever e classificar, de forma minuciosa e sistemática, as doenças mentais (Berlinck, 1998).

Dentre as inúmeras tentativas de superar os impasses criados pela pluralidade de leituras do *pathos*, o expoente máximo é, sem dúvida, o DSM-IV (Manual de Diagnóstico e Estatística da Associação Psiquiátrica Americana) e o CID-10 (Classificação Internacional de Doenças). (DSM, 2004). Esses manuais oferecem uma definição empírica e pragmática das entidades da descrição das doenças.

A psicopatologia é uma disciplina científica que estuda a doença mental em seus vários aspectos: suas causas, as alterações estruturais e funcionais relacionadas, os métodos de investigação e suas formas de manifestação, sinais e sintomas. Comportamento, cognição e experiências subjetivas anormais constituem as formas de manifestação das doenças mentais. Assim sendo, a psicopatologia é o estudo organizado e metódico do comportamento, da cognição, de experiências anormais e da mente, sob a perspectiva de um transtorno mental. Pode ser conceituada também como o resultado de experiências específicas de punição, conferindo assim fortes reações emocionais a estímulos inicialmente não-punitivos (Levis e Rourke, 1999).

Segundo Cheniaux (2005) a psicopatologia de uma forma geral, está relacionada a múltiplas abordagens e referenciais teóricos, não há apenas uma psicopatologia, são várias.

Didaticamente, as psicopatologias podem ser divididas em dois grupos: as explicativas e as descritivas. As psicopatologias explicativas baseiam-se em modelos teóricos ou achados experimentais, e buscam esclarecimentos quanto a etiologia dos transtornos mentais. Elas podem seguir uma orientação psicodinâmica (como a psicanálise), cognitiva, existencial, biológica ou social, entre outras. As psicopatologias descritivas, por sua vez, constituem na descrição e na categorização precisas de experiências anormais, como informadas pelo paciente e observadas em seu comportamento. Entre as psicopatologias descritivas está a psicopatologia fenomenológica. Explicação e descrição não se excluem; na verdade, se complementam. Só é possível explicar o que foi anteriormente descrito.

Segundo Jaspers (1913) o comportamento anormal é relativo. Pois, para que um comportamento seja julgado como anormal ou psicopatológico ele dependerá também do tempo, do lugar e de quem faz o julgamento. Por tanto a psicopatologia é possuí uma descrição completa associada a fenomenologia por ser a que estuda a combinação dos sintomas na composição de um determinado quadro psicoemocional.

De início, com Jaspers, a fenomenologia aplicada à psicopatologia centralizava sua atenção no fenômeno psíquico elementar, nas vivências especiais que o sujeito atribuía ao mundo objectual. Além de trabalhar apenas com os fenômenos realmente vividos pelos pacientes, propunha que a descrição e delimitação dos mesmos deveria ser realizada por meio de parâmetros exteriormente observáveis, ou seja, modo de surgir, contexto de aparecimento, conteúdo etc. Jaspers não ignorava que esta solução também apresenta limitações quanto aos conhecimentos que poderia fornecer. Também reconhecia a multiplicidade dos possíveis recortes ou métodos discriminativos para as experiências de terceira pessoa. Jamais rejeitou a utilidade ou mesmo a vantajosa associação entre as distintas perspectivas teóricas e plataformas de trabalho que poderiam surgir.

O psiquiatra Binswanger, psicopatólogo existencialista, em sintonia com Husserl e Heidegger constitui a presença como categoria a priori da existência. A presença é uma categoria última da existência cujas subcategorias são: consciência dos seres existentes no campo da experiência, intencionalidade da consciência, no seu dirigir-se aos seres no respeito de suas diferenças antológicas, responsabilidade como solidariedade e participação no destino dos seres existentes.

Para Binswanger (1973) é na consciência e através dela que o homem experimenta o mundo. Esse, também, é presença para o sujeito e, na consciência, transforma-se em vivências. As vivências são, assim a representação do mundo na consciência. A consciência fenomenológica caracteriza-se por três dimensões essenciais: a) uma totalidade indivisível, algo mais e diferente da soma das partes e dos dados que a constituem; b) o lugar específico de acontecimentos *sui generis* conexions, não pela lei da causalidade, mas pelas relações motivacionais; c) uma totalidade significativa, onde todos os elementos se estruturam e se orientam para um único sentido.

A intencionalidade ainda segundo Binswanger (1973) deve ser entendida não somente como momento de estruturação da consciência, mas, também, como proteção da existência e como sedimentação de experiências passadas, adquiridas no curso da vida e na história do indivíduo. Intencionalidade é a própria história do eu e sua projeção para o futuro.

Segundo Minkowsky *apud* Petrelli (1989), na construção de uma psicopatologia em perspectiva do tempo a ser vivido nos oferece as seguintes categorias: Espera; Desejo; Esperança; Ação; Ação ética a grande categoria do tempo vivido que quando realizada enaltece o homem à sua originalidade, e por última dimensão a Prece, fenômeno em “absoluto divino”.

Minkowski (1961) discorre que através dos desejos, superamos a dimensão da atividade, antecipando-nos a essa e projetando-nos sobre o futuro. A atividade acaba com a

morte, mas os desejos se estende para além dela. Além disso, ele é mais intimamente ligado ao eu, dando-nos a ideia do íntimo. Não podemos desejar o que possuímos e, assim enquanto vivemos, desejamos mais do que temos e esse desejo fundamenta inclusive o ter. O desejo, porém, deve sempre se concretizar numa atividade possível. Enquanto o desejo vai além da atividade, ele já a contém em si. Assim, um desejo não-possível perde as características de desejo.

Segundo Minkowsky *apud* Petrelli (1989), quem não tem desejo cai em depressão, e quando substitui os desejos autênticos pelos não autênticos ele se torna maníaco e pode ser colhido através dos conteúdos vibrantes, animais lúdicos, humanos vivos e ativos, humanos em relação construtiva, natureza bela, estética, conteúdos dotados de vida, indica pessoas que tem desejos.

Para Minkowski (1961) a espera é um fenômeno que se contrapõe a atividade, ela ocorre quando a atividade é paralisada e imobilizada e no fluxo da vida sentimos o futuro vindo ao nosso encontro, quando nos esmagando. É a sensação de viver um não-viver é no sentido de que nessa parada a vida que está a nossa frente é sentida como não-nossa e, portanto, esperada com angustia e dor. Na espera vive-se o tempo em direção oposta ao futuro. A atividade e a espera são atitudes fundamentais do indivíduo para com o mundo e a vida: de proteção ou retenção respectivamente.

Segundo Ballone (2008) a fenomenologia moderna contribui para o conhecimento de três espécies de fenômenos: a) aqueles que conhecemos por nossa própria experiência e que são estatisticamente mais encontrados; b) aqueles fenômenos de acentuações, diminuições e contaminações de experiências pessoais e que fogem do estatisticamente comum devido a seu aspecto quantitativo; c) aqueles fenômenos que, além de fugirem do estatisticamente comum, se caracterizam pelo fato de não poderem ser representados no espírito humano normal de

maneira compreensiva, tendo em vista sua qualidade diferente. A esse último grupo pertencem as experiências que se denominam "primárias".

Ballone (2008) afirma também que esse enfoque fenomenológico tríplice foi importante para a diferenciação entre sintomas primários e secundários. A diferenciação primário-secundário é um dos principais requisitos da psiquiatria moderna e foi inspirada na patologia somática.

Um ato grave de violência cometido por uma pessoa com transtorno mental grave é um evento relativamente raro (Monahan, 1992). Entretanto, quando ocorrem episódios de grande repercussão na mídia, o tema volta a ser foco de atenção e debate (Gattaz, 1998; Josef & Silva, 2003). Essa relação é intensamente reforçada por aspectos culturais e históricos, que desde o século XIX associam "loucura" a crime. Violência e transtorno mental associam-se na mente do público e os profissionais de saúde mental costumam sentir-se compelidos a dizer que esses medos são infundados. Infelizmente, os profissionais não têm evidências claras para justificar suas afirmações e formular suas explicações, pois a maioria dos estudos ainda tem valor limitado (Stuart & Arboleda-Florez, 2001; Long, 2000).

Para indivíduos com transtornos psicóticos, considera-se que a condição psicopatológica por si só é um fator potencial na precipitação de comportamentos destrutivos e atos violentos de forma geral. Há um reconhecimento crescente de sintomas que tornam a pessoa mais predisposta a possíveis atos de violência (Gunn e Taylor, 1993; Teixeira *et al.*, 2005).

Segundo Berlinck (1998) a grande ruptura epistemológica é feita pela psicologia profunda de Freud. A partir da dimensão do desejo, que submetido às leis da linguagem escapa a qualquer apreensão direta de sua finalidade, Freud postula que o sujeito - louco ou não - sempre que fala, fala do, e a partir de seu *pathos*, que aqui se confunde com a trama discursiva que o constitui. É esta trama, inicialmente encarnada pelo outro que possibilita que

o *pathos*, como passividade, alienação, transforme-se, na situação terapêutica, em percepção e em experiência.

Para Freud (1976), a “psicanálise” é uma análise do psiquismo no sentido que a química dá a esse termo. Trata-se de decompor, de analisar, os elementos que constituem “os sintomas e as manifestações patológicas do paciente”.

Em seu trabalho “O Mal-Estar na Civilização” (Freud, 1930) Freud mostra a importância do sentimento de insatisfação do homem civilizado diante das frustrações da vida instintual impostas pelas exigências das normas morais e culturais; mostra como o homem, em sua revolta contra a lei e a autoridade, se revela propenso à transgressão da lei, pelo menos inconscientemente, o que exacerba sua culpa diante de fantasias e desejos moralmente condenáveis inconscientes. Em “Moisés e o Monoteísmo” (Freud, 1937), ressalta a importância fundamental, na vida psicológica e na gênese das instituições sociais, dos impulsos criminosos. Considera, de novo, o complexo de Édipo, com seus componentes incestuosos e parricidas, a situação primordial, a origem do sentimento de culpa inconsciente e das normas morais. A contenção da violência e da destrutividade externas, socialmente, se segue da internalização da instância repressora gerando o aparecimento do superego, com certo grau de coerção sobre o ego e adoecimento neurótico potencial.

Segundo Freud (1921) muitas vezes as principais determinantes da conduta criminosa são os sentidos de culpa originados de desejos antissociais deprimidos. De modo particular, o indivíduo neurótico que exprime sua neurose em atos delituosos, pode estar sendo afligido por culpa inconsciente, a qual provém de desejos proibidos. Em relação aos conteúdos do Superego, quer dizer comparado com desejo inconsciente proibido pela Censura (desejo que acaba por burlar a vigilância), as infrações que pratica são pequenas. Ao ser punido por suas transgressões, o indivíduo sente-se temporariamente aliviado do sentimento inconsciente de

culpa. Ele tem uma consciência bem formada, é intimamente austero, cultua os valores morais em virtude disso alimenta mais receio do seu próprio julgamento do que do tribunal.

1.3.3 A Epilepsia no Campo do Crime

Em Medicina Legal a epilepsia se conceitua como, “doença mental definida, característica dos epileptóides, dos indivíduos atléticos, é exteriorizada por ‘acessos’ em forma violenta, agressiva, onde o indivíduo pratica os maiores crimes e é considerado isento de pena” (Camargo, 2005).

A epilepsia é uma doença neurológica com interface psiquiátrica, mesmo assim, em raros casos pode haver a psicose epilética, assiste-se o crime epilético e o crime do epilético, entende-se como crime epilético aquele em que o sujeito em razão do surto deixa de agir, em função do estado convulsivo não se manifesta, ou porque diante do estado de consciência turva, no “estado crepuscular”, onde há confusão mental e a memória está comprometida, pode o sujeito, por exemplo, não lembrar-se que é casado e contrair novas núpcias, ocorre que este estágio pode durar horas, dias e meses, conforme Croce(1998), cometendo o sujeito o crime de bigamia, ficando impresso o nexo de causalidade entre a enfermidade e a atitude, não obstante nas crises pseudoepiléticas o doente pode apresentar resistência, se agressivo a si e aos outros.

Lombroso (1885-1909) não deixa escapar a fusão que existe entre delinquentes natos e loucos morais pelo estudo da epilepsia, ressaltando a importância de se fazer na anamnese do indivíduo a “história natural do epilético”, sua vontade não era discriminá-los impondo a estigma, porém apresenta a ocorrência patológica com a agressividade que lhe é inerente e as espécies de crimes envoltas ao seu perfil, explica o criminoso em seu funcionamento orgânico, ressaltando que tanto podiam ser produtivos e geniais como são no cometimento de crimes.

Lombroso discorre ainda que na epilepsia os que adentravam o mundo criminoso, apresentavam seus feitos como uma força irresistível, como “tendências hereditárias múltiplas”, em razão desta fonte ocorre a irritabilidade a “flor da pele”, manifestada em seus crimes que se apresentam com motivos fúteis, tendendo a demonstrar que problemas referentes à alimentação da gestante, do infante, a genética e ao ambiente, implicam em problemas encefálicos acordando tendências ou desenvolvendo comorbidades, resultando em uma natureza humana malévola.

Rodrigues, Assmar, Jablonski (1999) afirma que o crime do epilético refere-se ao seu estado de consciência, onde como qualquer outro indivíduo pode ele envolver-se em crime, destaca-se, porém a agressividade como uma das características do epilético, inclusive o caráter impulsivo do epilético idiopático, apresentando uma reatividade maior diante dos eventos, possui respostas motoras intensas, tendo atitudes assemelhadas às dos portadores de transtornos de personalidade psicopática tipo explosiva, seus crimes se identificam em razão da multiplicidade de golpes, encontrando no último caso, resultados eletroencefalográficos similares aos dos epiléticos.

1.3.4 O Transtorno de Personalidade no Campo do Crime

Para Schultz & Schultz (2004) personalidade diz respeito às características pessoais externas e internas visíveis, aqueles aspectos que os outros podem ver, seria então definida em termos pela impressão provocada nas pessoas. É a organização dinâmica dos aspectos ou elementos cognitivos, afetivos, conativos, fisiológicos e morfológicos do indivíduo, sendo um agrupamento permanente e peculiar de características que podem mudar em resposta a situações diferentes.

Quando os traços de Personalidade provocam algum prejuízo são chamados de Transtorno de Personalidade. Segundo Beck *et al.* (2005), a seleção natural pode provocar

algum tipo de ajuste entre os comportamentos programados e as demandas do ambiente. Um mau ajuste pode ser um fator no desenvolvimento de comportamentos que são diagnosticados como transtornos de Personalidade. Cada Transtorno é caracterizado não apenas por comportamentos disfuncionais ou associais, mais por um composto de crenças, atitudes, afetos e estratégias, sendo possível fornecer um perfil distintivo de cada um dos transtornos, com base em suas características cognitivas, afetivas e comportamentais.

Serafim (2003) afirma que os transtornos de personalidade não são propriamente doenças, mas anomalias do desenvolvimento psíquico, sendo considerados, em psiquiatria forense, como perturbação da saúde mental. Esses transtornos envolvem a desarmonia da afetividade e da excitabilidade com integração deficitária dos impulsos, das atitudes e das condutas, manifestando-se no relacionamento interpessoal.

De acordo com o DSM IV, transtorno de personalidade é um padrão persistente de percepção, de relação e de julgamento sobre o ambiente e sobre a própria pessoa exteriorizados em ampla gama de contextos sociais e pessoais. Além disso são inflexíveis, mal adaptativos e resultam em debilitação significativa ou sofrimento subjetivo. Os transtornos de personalidade são divididos em três grupos baseados na semelhança. O grupo A é o grupo da singularidade ou excentricidade (transtorno de personalidade paranoide, esquizóide e esquizotípica), o grupo B é o das pessoas que se mostram dramáticas, emotivas ou imprevisíveis (transtorno de personalidade antissocial, borderline, histriônica, e narcisista) e o grupo C é o da ansiedade e do medo (transtorno de personalidade esquiva, dependente e obsessivo-compulsivo).

1.3.5 Narcisismo e Crime

Narcisismo é um distúrbio de personalidade onde o sujeito apresenta um sentimento grandioso de onipotência, com fantasias de sucesso, poder, fascínio, beleza e amor ideal

ilimitado. Acha-se especial e único, exigindo admiração excessiva para si mesmo. Tende a ser explorador nas relações intersubjetivas, buscando vantagens sobre as pessoas para atingir seus objetivos pessoais. É invejoso, arrogante e presunçoso.

O narcisismo é o enamorado de si mesmo, não é apenas egoísmo e egocentrismo, mas o estado de ânimo, uma atitude em que o indivíduo se elege a si próprio, ao invés de aos outros como objetos de amor, exigindo a admiração e amor dos outros, e isso não acontecendo, julgará se desprezado, morto, destruído, liquidado, e lutará com todas as suas forças contra isso, podendo até cometer homicídio (ELUF, 2007).

Segundo Lacan (1948), a agressividade se manifesta numa experiência que é subjetiva por sua própria constituição. A “agressividade é a tendência correlata de um modo de identificação que nós chamamos narcísica e que determina a estrutura formal do Eu do homem e o registro de entidades características do seu mundo”.

Perelberg (2004), em seu trabalho “Narcissistic Configurations: violence and its absence in treatment”, também destaca a importância da patologia do narcisismo na conduta potencialmente ou efetivamente violenta e criminosa, bem como as razões de sua aparente ausência no tratamento. Pacientes com essa patologia podem ter tido, em etapas iniciais da vida, experiências de severa privação emocional e ambientes de negligência, abandono, separação, desespero. Tentativas de subsequentemente, agredir esses objetos, exteriorizando-os na realidade externa, podem materializar-se em atos de delinquência, roubos, assassinatos ou tentativas de homicídio. Pacientes com essas vivências no início da vida podem manifestar na transferência esses impulsos agressivos, despertando no analista uma sensação de intenso temor de sofrer agressão física a qualquer momento; ou o paciente pode mostrar uma ausência de aspectos violentos no seu self, ao mesmo tempo que se mostra isolado, distante, defendendo-se de um contato afetivo com o objeto, o isolamento afetivo servindo como defesa contra impulsos fanáticos emergentes.

1.3.6 O Transtorno de Personalidade Antissocial no Campo do Crime

O conceito de psicopata, personalidade psicopática e mais recentemente, sociopata é um tema que vem preocupando a psiquiatria, a justiça, a antropologia, a sociologia e a filosofia desde a antiguidade. Evidentemente essa preocupação contínua e perene existe porque sempre houve personalidades anormais como parte da população geral. Uma das primeiras descrições registradas pela medicina sobre algum comportamento que pudesse se identificar à ideia de Personalidade Psicopática foi a de Girolano Cardano (1501-1596) em sua obra “*De uiliate de adversis capiendi*” (1561), professor de medicina da Universidade de Pavia teve o filho decapitado por ter envenenado sua mulher (mãe do réu) com raízes venenosas. Neste relato, Cardano (1561) fala em “improbidade”, quando que não alcançava a insanidade total porque as pessoas que disso padeciam mantinham a aptidão para dirigir sua vontade (Ballone & Moura, 2008).

Para Schneider (1995) as personalidades psicopáticas formam um subtipo daquilo que classificava como personalidades anormais, de acordo com o critério estatístico e da particularidade de sofrerem por sua anormalidade e ou fazerem os outros sofrerem. Entretanto, a classificação de personalidade psicopática não pode ser reconhecida ou aceita pelo próprio paciente e, às vezes, nem mesmo por algum grupo social, pois a característica de fazer sofrer os outros ou a sociedade é demasiadamente relativo e subjetivo: um revolucionário, por exemplo, é um psicopata para alguns e um herói para outros.

Howard (1986) sugere que os conceitos de psicopatia podem agrupar-se em três tipos: 1) um tipo sociopata, caracterizado por conduta antissocial crônica que começa na infância ou adolescência como Transtorno de Conduta. 2) um tipo secundário, caracterizado por um traço de personalidade com alto nível de impulsividade, isolamento social, e perturbações emocionais (a conduta sociopática seria secundária à essas alterações emocionais e da

sociabilidade); e 3) um tipo primário caracterizado apenas pela impulsividade sem isolamento social e perturbações emocionais (a qual pode-se aplicar aos criminosos comuns).

Segundo Hare (1999) a prevalência desses indivíduos na população carcerária gira em torno de 20%. No entanto, essa minoria é responsável por mais de 50% dos crimes graves cometidos quando comparados aos outros presidiários. Além disso, tudo indica que esses números também são válidos para os psicopatas que se encontram fora do sistema penitenciário.

Para o diagnóstico do transtorno de personalidade antissocial em um indivíduo são necessários alguns critérios descritos pelo DSM-IV-TR. Sendo eles:

A. Um padrão invasivo de desrespeito e violação dos direitos dos outros, que ocorre desde os 15 anos, como indicado por pelo menos três dos seguintes critérios:

1. Fracasso em conformar-se as normas sociais com relação a comportamentos legais, indicado pela execução repetida de atos que constituem motivo e detenção;
2. Tendência para enganar, indicada por mentir repetidamente, usar nomes falsos ou ludibriar os outros para obter vantagens pessoais ou prazer;
3. Impulsividade ou fracasso em fazer planos para o futuro;
4. Irritabilidade e agressividade, indicadas por repetidas lutas corporais ou agressões físicas;
5. Desrespeito irresponsável pela segurança própria ou alheia;
6. Irresponsabilidade consistente, indicadas por um repetido fracasso em manter um comportamento laboral consistente ou honrar obrigações financeiras;
7. Ausência de remorso, indicada por indiferença ou racionalização por ter ferido, maltratado ou roubado outra pessoa.

B. O indivíduo tem no mínimo 18 anos de idade.

C. Existem evidências de Transtorno de Conduta com início dos 15 anos de idade.

D. A ocorrência do comportamento antissocial não se dá exclusivamente durante o curso de Esquizofrenia ou Episódio Maníaco.

Como as pessoas com Transtorno de Personalidade Antissocial não experimentam uma figura materna amorosa nos meses iniciais de vida, elas jamais desenvolvem confiança básica nos outros. Feldman (1979) afirma que, além disso, a pessoa antissocial nunca se torna realmente sensível a outras pessoas como indivíduos separados, com necessidades e sentimentos próprios. Estes grandes prejuízos no processo de internalização resultam em uma pessoa sem consciência moral. O único vestígio de desenvolvimento do superego pode ser a presença de precursores sádicos do superego. O único sistema de valores, se é que se pode chamá-lo assim, é o exercício de poder de destrutividade sobre os outros. Cada relacionamento é abordado como uma oportunidade para exploração e crueldade. A ausência do desenvolvimento do superego nestes pacientes torna-os extremamente difíceis de tratamento.

Segundo Barlow & Durand (2008) as pessoas com transtorno de personalidade antissocial estão entre as mais dramáticas e são caracterizadas por um histórico de fracasso em acatar normas sociais. Demonstrem comportamentos que a maioria consideraria inaceitável, como furtar de amigos e da família. Tendem ser irresponsáveis, impulsivas e falsas. São considerados como verdadeiros predadores sociais que encantam, manipulam e progridem na vida de modo implacável, deixando para trás um grande número de corações partidos, expectativas frustradas e carteiras vazias. Demonstrando ausência completa de consciência e empatia, apossando-se de modo egoísta daquilo que desejam e fazem o que bem entendem, violam normas e expectativas sociais sem o menor senso de culpa ou arrependimento. Os portadores desse tipo de transtorno de personalidade costumam ter longos históricos de violação dos direitos das demais pessoas. Muitas vezes são considerados violentos porque conseguem o desejado sendo indiferentes as preocupações dos outros. Mentir

enganar parece um traço adquirido e, muitas vezes, demonstram ser incapazes de estabelecer a diferença entre a verdade e as mentiras que inventam para atingir suas metas.

Simon (2009) afirma que o comportamento antissocial dos criminosos comuns e o dos psicopatas são diferentes. Os criminosos muitas vezes têm limites os quais não ultrapassam ou famílias às quais nunca serão desleais, alguns criminosos não-psicopatas têm princípios e consciência. O criminoso psicopata que mata o faz de modo casual ou mesmo sem razão aparente. Não sente nenhum remorso, nem pensa duas vezes no ato criminoso, exceto por algum tipo de manobra para evitar consequências.

Segundo Hare (1999) alguns criminosos são incapazes de aprender com a punição, de modificar seus comportamentos e apresentar respostas fisiológicas a situação de medo. Quando eles descobrem que seu comportamento não é tolerado pela sociedade, eles reagem escondendo-o, mas nunca o suprimindo, e disfarçando de forma inteligente as suas características de personalidade. Este padrão de comportamento foi o que levou os psiquiatras a utilizar no passado o termo “insanidade moral”. Afirma ainda que mesmo que os psicopatas tenham dificuldades em aprender com seus erros, eles geralmente apresentam capacidades intactas em muitas áreas do funcionamento cognitivo, como a inteligência e a memória. Sua limitação cognitiva é apenas em termos de aprendizagem específica, que é expressa como um problema com a aprendizagem passiva de evitação. Aprendizagem passiva de evitação segundo Hare é uma incapacidade de aprender com os comportamentos punitivos.

Nunes (2001) cita que o psicopata manifesta tipicamente um excesso patológico de autovalorização, ou narcisismo, que traduz em egocentrismo excessivo. Outros traços característicos são a megalomania (que se manifesta por exibicionismo não sexual), a falta de responsabilidade, o excesso de ambição, uma atitude de superioridade, uma dependência exagerada de admiração e, alternando com esses traços, surtos de insegurança e superficialidade emocional. A megalomania irresponsável dos psicopatas geralmente os leva

ao fracasso em tudo o que empreendem muitas vezes um fracasso retumbante. Os médicos psiquiatras costumam observar com propriedade que os psicopatas “arrancam a derrota das garras da vitória” ou que para eles, “nada tem mais sucesso que o fracasso” entre metáfora e símbolo. Para a psicopatologia fenômeno-estrutural, a metáfora é a expressão indireta de objetos ou sentimentos em seus componentes mais concretos e sensoriais, ao passo que o símbolo está ligado às abstrações intelectuais. Isso nos permite classificar a metáfora como algo ligado à sensorialidade e o símbolo como algo ligado à racionalidade. Em psicanálise, a dimensão simbólica reflete os registros das experiências emocionais em relação aos objetos, aos impulsos, à sua satisfação ou às proibições a eles impostas. Mas sabemos que, para uma análise efetiva do universo simbólico, é necessário que o produto a ser analisado provenha de uma mente desenvolvida, com capacidade de simbolização, já que esta não está presente em todos os indivíduos, sendo falha em patologias graves. Pacientes mal mentalizados, como diria P. Marty (1998), praticamente não produzem símbolos traduzíveis, o que torna o alcance das análises simbólicas mais limitado nestes casos. Já a metáfora ou a estrutura da linguagem pode ser analisada independentemente, sendo sempre acessíveis do nível de desenvolvimento mental, quando há comunicação verbal.

CAPÍTULO II

PSICOPATOLOGIA NO PROTOCOLO *RORSCHACH*

2.1 O Psicodiagnóstico *Rorschach*

O Psicodiagnóstico *Rorschach* é um teste projetivo capaz de captar a vivência subjetiva do sujeito, bem como seus dinamismos psíquicos, suas áreas de potencialidades e de patologia. Este teste constitui-se em dez pranchas padronizadas, sendo que as pranchas I, IV, V, VI e VII são em preto, a II e a III em preto e vermelho e as pranchas VIII, IX e X são coloridas. Compostas por manchas de tinta, cuidadosamente selecionadas, de modo que cumpram com certos requisitos de composição e ritmo espacial; é simétrico, o que condiciona o teste de maneira igual para destros e canhotos, sendo que esta simetria ainda favorece as interpretações das pessoas inibidas ou bloqueadas.

O Psicodiagnóstico *Rorschach* revela a organização básica da estrutura da personalidade, bem como características da afetividade, sexualidade, vida interior, recursos mentais, energia psíquica e traços gerais e particulares do estado intelectual do indivíduo. A interpretação das manchas situa-se no campo da consciência e da inconsciência.

De acordo com Vaz (1997) o *Rorschach* é capaz de fornecer subsídios para que seja avaliada a estrutura da personalidade do indivíduo e o funcionamento de seus psicodinamismos, suas condições intelectuais, o nível de ansiedade básica e situacional, a depressão, suas condições efetivas e emocionais; fornece condições para se ver como está a pessoa quanto ao controle geral, quanto à capacidade para suportar frustrações e conflitos, quanto à adaptação ao trabalho e ao ajustamento e integração humana; impulsos, instintos, reações emocionais. Este é um instrumento capaz de auxiliar o examinador no diagnóstico de

paciente com problemas de interferência neurológica e com perturbação ou desvio de conduta.

Arzeno (1995) acentua que o *Rorschach* é uma prática bem delimitada com aplicação tanto no âmbito clínico, como também em outras áreas do conhecimento, dentre elas a forense, a trabalhista, a educacional.

Vaz (1997) considera o *Rorschach* como um instrumento capaz de fornecer subsídios para avaliação da estrutura da personalidade do sujeito e o funcionamento de seus psicodinamismos. Em suas considerações, diz Vaz: Podemos através da técnica avaliar seus traços de personalidade, o funcionamento de suas condições intelectuais, o nível de ansiedade básica e situacional, a depressão, suas condições efetivas e emocionais; fornece-nos condições para vermos como está a pessoa quanto ao controle geral, quanto à capacidade para suportar frustrações e conflitos, quanto à adaptação ao trabalho, ao ajustamento e integração humana; impulsos, instintos, reações emocionais, nível de aspiração, são outros elementos psicodinâmicos avaliáveis através do *Rorschach*. Além disso, é um instrumento capaz de auxiliar o examinador no diagnóstico de paciente com problemas de interferência neurológica e com perturbação ou desvio de conduta. O *Rorschach* é um instrumento projetivo que permite avaliar a personalidade de forma bem mais abrangente e global, considerando as variáveis quantitativas e qualitativas.

Santiago (1995) ao avaliar a prática do *Rorschach*, acentua que o instrumento não deve ser utilizado somente como uma conclusão diagnóstica, mas também como uma intervenção que possibilite a pessoa, uma vez dimensionada suas dificuldades, compreender como se relaciona consigo, com o mundo e os objetos, bem como de se perceber como campo de possibilidades.

Segundo Augras (1978), diagnosticar significa “identificar e explicitar o modo de existência do sujeito, no seu relacionamento com o ambiente, em determinado momento”.

Por esse prisma, o diagnóstico é processual, busca a maneira de ser do sujeito no contexto em que vive, em um dado momento. Desse modo, nem sempre será detectada uma patologia, a personalidade pode ser normal, não exigindo intervenção ou terapia. O diagnóstico permite identificar em que ponto desse processo se encontra o sujeito, detectando áreas de bloqueio ou de desordem e avaliar as suas possibilidades de expansão e criação.

Segundo Petrelli (1989), diagnosticando o indivíduo imediatamente, paralelamente se desvela o sistema em que ele convive. O diagnóstico do sujeito produz o diagnóstico da sociedade, do sistema. Em causa não está apenas a história antecedente do sujeito, a sua razão, as representações de si e do mundo, mas a história presente, o impacto dele como sujeito com a impiedosa estrutura penal e carcerária. No diagnóstico, as variáveis da agressividade não se referem apenas à personalidade do sujeito, mas ao presente interativo, extremamente significativo e significador com o sistema penal e carcerário.

2.2 A Psicopatologia no Protocolo Rorschach

De acordo H. *Rorschach* (1984 – 1922) na formação em *Rorschach* é importante adquirir a sensibilidade imediata, quase por intuição sobre a condição da mente que se projeta na percepção das formas. Alguns critérios diagnósticos discriminativos de uma patologia ainda não específica, mas indicativas e orientadoras para outras diferenciações se dão das seguintes formas: rejeição de uma ou mais pranchas, não por má vontade, mas por impotência interpretativa; poucas respostas em relação à média regional das respostas (10 respostas sobre 30 respostas consideradas produção média), são um indicador de patologia; porcentagem de G maior ou menor em relação à média, que é de 30%, sobre o total das respostas, significativamente aquém ou além da média; as descrições e os comentários disfóricos e ou eufóricos substituem quase pela totalidade as respostas interpretativas de formas; repetidas

auto-referências; isso ocorre quando o sujeito se põe como protagonista temático dos comentários; abstrações e insistentes conceitualizações na verbalização das percepções; o choque de latência e elevação acima da média dos tempos de reação; ausência de banalidades na III, V, VIII e X pranchas; ausência total de respostas cor e cor explícita, dissociada de qualquer forma; ausência total das grandes cinestésias; um tipo de ressonância íntima nesta relação: 0K:0C, indicando uma severa coartação; porcentagem de F+ inferior a 75%; um Do é significativo, dois são demais, especialmente quando dados na III e na V pranchas; inversão na V e X, é indicativa clara de esquizofrenia; percepções contaminadas, indicativas de distúrbios da percepção do espaço; percepções confabuladas, indicativas das relações causais; excessivos conteúdos humanos percebidos de forma desintegrada e desvitalizada (macabra, extravagante, absurda).

Segundo E. Fromm *apud* Petrelli (2001) impulsividade significa agir aos impulsos de maneira imediata, tanto na forma, quanto no tempo. Por impulso, entendemos uma energia ou força psíquica não orientada cognitivamente e intencionalmente, os impulsos são irracionais, cegos, e de fato, são tendências que provém de segmentos instintivos do comportamento humano ou de antigas experiências (experiências primárias), não elaboradas, que se alocam na região do inconsciente. Por exemplo, temos impulsos destrutivos, libidinosos / eróticos, de dependência/independência, de afiliação, de masoquismo, de sadismo. É claro que há impulsos para a garantia da vida, da cultura, e neste sentido, são mecanismos bem orientados, éticos.

A impulsividade em *Rorschach* estrutura-se com os seguintes elementos: 1- kob- quando se repete várias vezes, duas ou três vezes indica mobilização a curto circuito, respostas não mediadas. 2- C- em alto número e absolutamente privadas de forma bem vista; as respostas cor manifestam um emocional sem articulação com dimensão cognitiva. 3- CF-

revela um controle cognitivo, mas frágil, insuficiente. 4- (C) é um indicador de tensões internas preexistentes aos estímulos externos criando um potencial explosivo, submerso.

Segundo H. *Rorschach* apud Petrelli (1989) quando dois ou três destes elementos se combinam em uma mesma resposta, como na sequência DG CFkob vulcão, a impulsividade é mais iminente e mais perigosa quando acontece. Quando os elementos da impulsividade ficam separados, um elemento em uma resposta, um segundo em outra, a impulsividade está em formação. Sem nenhuma resposta codificável em K, a estrutura acima mencionada torna-se ainda mais perigosa, indicando um comportamento absolutamente descontrolado, a gravidade é maior se o índice de realidade é baixo, pior, próximo à zero.

Se a percentagem das respostas de boa forma também é baixa, inferior a 70, estamos nos deparando com um idiota impulsivo. Conteúdos humanos deteriorados e desvitalizados conotam os atos impulsivos de características antiéticas, agressivas contra a dignidade da figura humana. Frequentemente, conteúdos sexuais dados quase que obsessivamente, mantendo-se a mesma estrutura compulsiva de Ckob, desvela-se em *Rorschach* um perigoso maníaco sexual, e quando associado, neste contexto a K, trata-se de um psicopata que conduz intencionalmente os propósitos de agressão e perversão. K, quando presente, compensa geralmente a impulsividade garantindo uma dimensão do controle sobre os impulsos, mas em um contexto de conteúdos antiéticos, o próprio K realiza o que Silvano Ariete chama de perversão da motivação consciente.

Adrados (1976) afirma que através dos protocolos *Rorschach* pode ser verificado o Tipo de vivencia ou também conhecido como o Tipo de Ressonância Intima, que é classificado de acordo com o número de resposta de K (movimento) e C (cor) apresentadas nas seguintes formulas: $K > C$ o tipo de vivencia é Introversivo; se $K < C$ o tipo de vivencia é Extratensivo; se $2K:2C$ o tipo de vivencia é Ambigual; se $0K:0C$ dá-se o tipo coartado e por último $1K:1C$ o tipo de vivencia é Coartativo.

Na descrição dos tipos de vivência cita-se aqui os tipos Introversivo ($K > C$) onde as respostas de movimentos humanos são predominantes sobre as de cor. O sujeito Introversivo tende a reagir bem a aplicação do teste devido a sua disposição intelectual. Afetividade mais intensa funciona mais a esfera intelectual, sendo criativo, vivendo intensamente as fantasias e imaginação: pensa e elabora mentalmente mais do que age. Próprio de intelectuais puros e artistas. O introversivo volta-se mais a neurastenia. Crianças e adolescentes com esse tipo são dificilmente educáveis, críticos e individualistas, podendo sentir-se isolados. Já os extratensivos citados por Adrados (1976) trata-se do extremo oposto do introversivo ($K > C$).

Diante da tensão externa tem facilidade de perder o controle emocional, motilidade excitável. Próprio de histéricos. Relação afetiva mais fácil e expansiva vibra com os acontecimentos, é influenciável pelo ambiente, é mais objetivo e materialista, confraterniza com facilidade, mas é mais instável e mais lável que o Introversivo. Sua inteligência é mais reprodutiva que criadora. É importante diferenciar o Extratensivo adaptativo de um egocêntrico. No segundo, as respostas de movimento humano estão ausentes, o índice de estereotipia é bastante elevado, tem pouca consciência da interpretação, a função do pensamento disciplinador e lógico é muito pobre e o número de percepções globais muito restritos. O número CF e C, porém o número de estereotipias continua alto.

Os dados *Rorschach* nos dão informações sobre a consistência da presença quando as projeções são autênticas nas suas dimensões psicológicas e éticas; quando decadentes se mostra através de defeitos estruturais, limites culturais, ou por um primitivismo ético e/ou uma intencionalidade perversa diabólica, destrutiva da natureza vivente e de vínculos na relação com os outros. A intencionalidade se colhe no exame *Rorschach* através dos K (cinestesia humana) que corresponde a ação e a consciência se colhe no domínio das F+, e quando se perde nos F- ou F+- ele está em processo de decadência.

No teste *Rorschach* é possível colher as dimensões do tempo vivido através da espera - quem tem espera tem o tempo na mão, uma sintonia entre uma abertura e o objeto que se passa na frente, é saber o momento certo e entrar em ação. E a capacidade de espera e dadas pelas cinestésias humanas extensivas juntamente com os F+. Saber esperar é saber avaliar os acontecimentos, é esperar o momento, saber esperar é ter o tempo na mão, não saber esperar é perder o tempo é ser engolido por ele. E ainda $K < k_{obj}F$ – não tem capacidade de espera, é dominado pelos impulsos, maníaco, agitado; $K > K_{obj}F$ – é normal, tem o tempo na mão, possui consciência e intencionalidade, personalidade ética, capacidade de espera ativa; K-: intencionalidade destrutiva, personalidade perversa; (K: significa volição, querer, ação). A dimensão maníaca não é somente com crianças, mas também com adultos que são vazios e necessitam de algo para se preencherem, compra objetos sem necessidade apenas por impulso. $K < k_p$: possui ação incontida, amarrada, acorrentada, queria mas não tem capacidade, não tem iniciativa, é compulsivo.

No teste *Rorschach* quando os conteúdos são desfigurados ou deteriorados representa a ausência dos desejos; a perda dos desejos é a perda da cinestesia = 0K; desejos: K: dá a informação que os desejos podem ser realizados; Kan: indica potenciais dos desejos; $5K+ : 0C$ = possui capacidade de espera, porém não possui desejos; $5K+ : 5C$ = possui capacidade de espera e de realizar desejos, uma pessoa equilibrada, possui iniciativa e respeito com os outros.

Micchielli (1968) calcula o Índice de Realidade do examinando através das banalidade das pranchas III, V, VIII e X, sendo, respectivamente GKHdual, GF+A, DF+A e DF+A. Essas banalidades se impõem com tal evidencia que exige sua imediata percepção. As banalidades aqui são definidas pelos conteúdos e pelas estruturas positiva, quando a estrutura for negativa, deixa de ser banalidade. Exemplo: “Duas pessoas em decomposição” – prancha.

Vaz (1997) afirma que a resposta banal, ou popular indica a habilidade ou condição do sujeito perceber o que a média ou a maioria dos indivíduos do seu grupo de referência percebe.

2.3 A Fenomenologia do Humano no Protocolo *Rorschach*

O simbólico e o diabólico destrutivo e os seus efeitos desconstrutivos se revelam na percepção e na representação do humano: o autismo esquizofrênico, as neuroses narcísicas, fóbico-obsessivas, a visão paranoica dos outros e do mundo, a malícia, o ciúme, a inveja, a cobiça. De acordo com Berke (1992) os constituintes do lado obscuro do homem se projeta na percepção e construção da figura humana. A experiência na vivência operante e uma dualidade no respeito a uma alteridade, não apenas marca um altíssimo nível de maturidade psicológica, como também revela uma abertura ética que dá significado e plenitude à existência, especialmente quando a dualidade se manifesta no lúdico, no Eros, na ação ética.

H. *Rorschach* apud Petrelli (1989) afirmam que a dualidade interativa na alteridade deve ser dada necessariamente na prancha III, na realização da alteridade: “duas pessoas levantando juntas um peso” e a dualidade na intimidade deve necessariamente ser dada na VII prancha: “duas meninas brincando”, “duas mulheres conversando”. O Hdl pode também ser percebido na prancha II, tanto na dimensão da alteridade quanto na intimidade. A incapacidade de perceber nas formas das manchas do *Rorschach* a figura humana na III prancha constituindo-se alteridade na dualidade é expressiva de um primitivismo, não apenas psicológico- cultural- social e ético, mas às vezes, filogenético.

Vaz (1997) afirma que quando na prancha III não existir cinestesia e de conteúdo humano e verbalização paralela dos conteúdos coloridos sem forma ou com forma não bem definida, podem as cores neste caso representar sentimentos de ódio e raiva, reprimidos e

dirigidos às pessoas. Segue as legendas mais frequentes e recorrentes nas codificações do humano: H: percepção do humano na sua individualidade e integridade vivente. Pode ocupar a totalidade do campo (G), parte significativa do campo (D) e parte mínima (Dd). Hd: partes do humano, membros. Quando aparece a seguinte configuração no psicograma: $Hd > H$ é indicativo de processos dissociativos. Hanat: anatomias humanas: coração, pulmão, rins, fígado, vértebras. Quando estas representações aparecem no psicograma com a seguinte fórmula: $Hd + Hanat > H$ é indicativo de avançados estados dissociativos catatônicos; Hradiog: radiografias humanas; Hesql: percepção de esqueletos; Hfant: percepção de fantasmas. As percepções de esqueletos e fantasmas projetam experiências de morte, por medo, por desejo deste evento catastrófico final, próprio e característico do estágio terminal, tanto de uma esquizofrenia, quanto da dimensão depressiva da bipolaridade. Hdet: perda da dimensão estética. Percepção de humanos grotescos, deformados, horríveis, monstruosos e terríficos.

H. *Rorschach* apud Rodolfo Petrelli (1989) afirma que talvez, a indicação direta do terrífico necessite e de uma própria especificação e propõe as seguintes descrições dos conteúdos humanos: Hterr: percebido como identidade própria ou como figura diabólica persecutória; Hdesvit: percepção do humano sem vida, apenas o corpo inanimado. Esta percepção vem compor a representação thanática, própria da experiência esquizofrênica e também intenções e ações de morte, como atores da mesma ou como vítimas; Hnrc: percepção narcísica do humano; quando a figura humana se colhe no reflexo de um espelho ou de um lago, o diagnóstico de traços narcísicos é significativo na compreensão de um perfil caracterial da personalidade; Hdsf: percepção do humano invadido pela tristeza, pela solidão, pelo sentimento de abandono; Hdl: percepção do humano formando uma dualidade na alteridade do eu com o outro e na intimidade do eu e tu; (H): percepção do humano mitológico, de contos e histórias; Hvirt: percepção de humanos virtuais, filmes e televisivos.

Quando esta fórmula é registrada no psicograma: $H < (H)$, H_{virt} é indicativo de uma solidão, um excesso do humano imaginário, compensando uma perda do humano autêntico, real, vivente na integridade corpo e alma.

2.3.1 Epilepsia no *Rorschach*

Segundo Oliveira (2003) os indicadores da epilepsia em *Rorschach* como introdução ao psicograma do quadro epilético são necessárias as seguintes considerações: A epilepsia em si não é demência; contudo um epilético pode sofrer de demência, e um demente pode ser atingido pela epilepsia ou hereditária, ou pós-traumática. Nos estados de inconsciência se efetuam comportamentos mentais a nível de processo cognitivos idênticos a demência; mas esta configuração se alterna com processo cognitivos declaradamente a nível secundário, com percepção e nomeação objetiva das coisas presentes no campo experiencial incompatível com a demência cuja fixação a nível primário com percepções confusas, sincréticas ou impotentes a se expressar na linguagem comum é constante e sem evolução.

O Próprio Hermann *Rorschach*, em 1921, identificou a partir de um estudo com 20 pacientes epiléticos as seguintes características: nos indicadores codificados no psicograma se registram as seguintes configurações: 1) compatível percentagem de $F+$ cujo índice entre 60% e 75% é impossível a ser alcançado por um “demente”. 2) as formas “mal vistas” ($F-$) são efeitos de dois fenômenos perceptivos: a estereotipia perceptiva e a perseveração.

O primeiro fenômeno é dado pela repetição de uma forma percebida em uma mesma prancha, ou em pranchas sucessivas; o segundo fenômeno é expressivo de um processo associativo – automático que ocorre quando dado um elemento de um contexto se evocam os demais elementos situados naquele contexto mesmo quando estes elementos não estão de fato neste contexto. Estereotipia e perseveração são ambos os efeitos de uma dormência momentânea da consciência e da ação, sintomas características da epilepsia.

A falta da “espera” também é sintomática do quadro “epilético se colhe no psicograma dos dados codificados pelas seguintes configurações e equações: $K < K_p$, indicando a “impotência” ou a fragilidade dos controles conativos volitivos; $K < kan$, indicando a incapacidade de administrar desejos, sendo a percepção de animais em relação sinestésica intencional expressão de desejos; $K < K_{obj} F_e K_{obj}$, relação que indica a impotência da componente conativa – volitiva frente o “*quantum*” de impulsos mobilizados pela carga instintiva; $FC < CF$ e C esta composição indica o descontrole emocional por parte do fator cognitivo sempre menos operante no contínuo CF e percepção de cores com formas indefinidas e percepção de cores com ausência da componente forma expressiva do controle cognitivo; a presença persistente nas pranchas com cores cromáticas das determinantes CK_{obj} cor e cinestesia objetos associados em um único conteúdo perceptivo, como na respostas: << explosão, gases explodindo, fogo subindo nas alturas...>> é indicativa de uma incontinência afetiva – instintiva que revela a alta carga impulsiva do epilético; por último e sintetizando o comportamento altamente impulsivo do epilético no tipo de ressonância íntima, nas duas modalidades A e B resulta o seguinte - A { O K: n C = extratensivo puro ou B { n (k) kp ou ainda Kan: n (c) [clob claro obscuro] (c) esfumaçadas (c) texturas.

2.3.2 Narcisismo no *Rorschach*

As representações narcísicas no *Rorschach* segundo Chabert (1993) podem ser verificadas através das qualidades cromáticas e sensoriais das pranchas elas solicitam reações em termos de afeto, emoções, mas também em termos de sensações cujas características narcísicas são traduzidas por respostas específicas. A predominância do negro-cinza-branco induz solicitações depressivas, e pode reativar sentimento de vazio, de branco interior ou ainda apagar os limites numa imprecisão evanescente ou diluente. As pranchas podem determinar a emergência de sensações e/ou fantasias de relação com a morte. A presença de

cores fortes tais como o vermelho, sua ligação com o aparecimento de movimentos pulsionais, podem mobilizar defesas particulares ao narcisismo no esforço ininterrupto para manter um estado de êxtase que evita toda e qualquer intromissão da pulsão e de seu objeto. Podemos assim observar manifestações singulares que surgem nas pranchas II e III e particularmente a ativação de defesas severas que demonstram a rejeição da pulsão. As cores pastel enfim, causam a aparição de reações que demonstram, entre outras, a qualidade das relações estabelecidas com o meio e com os objetos externos.

Chabert (1993), afirma ainda que o narcisismo se manifesta nas respostas de pele, podendo se tratar de resposta “H”, “A”, “objeto” ou outras, mas qualquer que seja o conteúdo, o interesse reside no fato de que ela evoca uma superfície limitante entre dentro e fora. As respostas “pele” ou “vestimentas” são encontradas em protocolos de psicopatas que constituiriam a borda mais patológica das organizações narcísicas.

No *Rorschach* o desdobramento ou a respostas de reflexos traduz por meio de relações especulares expressas sob forma direta aparecendo nas representações de relação em espelho e de forma indireta sendo as relações especulares através das respostas humanas (cinestésicas ou não) particulares: os verbos interativos estão ausentes aqui quando dois personagens são percebidos. Estes são sobretudo englobados em uma função única que os reúne, negando todo conflito entre eles.

Ainda segundo Chabert (1993) outro aspecto característico no protocolo *Rorschach* de indicativo de narcisismo é a negação dos movimentos pulsionais nas representações de relações, que podem ser observados nas pranchas II e III, pois estas duas pranchas reativam modalidades relacionais nas quais os investimentos pulsionais são capazes de ser mobilizados em termos libidinais e/ou agressivos. Na maioria dos casos narcísicos o vermelho não é utilizado ou integrado nas respostas, ou quando é utilizado, é sobretudo explorado como localização descritiva para delimitar o contorno da imagem. Não há associação entre o

vermelho e os representantes pulsionais, mas, em geral, sobretudo uma atitude de não saber, de incerteza muito importante que nós interpretamos como uma negação do impacto pulsional da cor.

2.3.3 Psicopatia no *Rorschach*

No que consiste na identificação da psicopatia no *Rorschach*, Adrados(1980) descreve vários indicadores. Quanto ao ego e o superego, esses encontram frágeis e debilitados, representados por G%, K, F+% alterados, onde G% é rebaixado e seu número bruto é igual ou inferior ao número de K. Além disso, as respostas de movimento são inferiores a três e mal vistas, de conteúdo desvitalizado e habitualmente passivo. Apresentam imaturidade afetiva e egocentrismo, representados pela escassez de afetividade no protocolo ou quando a afetividade aparece mostra-se pobre e mal integrada. Forte instabilidade emocional, indicada pelo aumento de kan. Capacidade de crítica diminuída, representação pelo F% rebaixado. Ausência de conflito, manifestada pela coerência entre três formulas determinantes do tipo de vivência. Ausência de angustia e culpa indicada pela diminuição de resposta claro-escuro.

Dorr e Viani (2006) também destacam alguns indicadores de psicopatia no *Rorschach* dentre eles: A% elevado; resposta de “pele” nas pranchas IV e VI; dificuldade de integração; ausência de resposta claro-escuro; as respostas de cor são escassas e quando aparecem predomina CF; resposta DG (global confabulada); poucas respostas G; às vezes há um aumento das respostas banais como uma atitude de escolha mais fáceis ou como uma atitude de apego superficial a normas estabelecidas sem que estas tenham sido assimiladas, mas apenas para serem manipuladas como objetos para alcançar suas necessidades. E quando a atitude antissocial é mais acentuada aumentam as respostas C (cor pura) e DBL (espaço em branco).

Vaz (1997) afirma que o transtorno de personalidade antissocial pode ser diagnosticado pelas seguintes variáveis encontrados no psicodiagnóstico *Rorschach*: a presença de cor forçada e cor arbitrária, expressão da labilidade afetiva, relacionamento meramente superficial e formal; é o tipo de relacionamento pela troca de alguma coisa, pelo uso; a presença de textura com predomínio de C+ CF sobre FC, significando a busca de contato, a necessidade de contato com o risco de “*acting out*” por não poder conseguir se controlar; é que CF e C expressam a busca do atendimento a necessidade afetiva sem o devido controle sobre a maneira como conseguir, um terceiro sinal específico no *Rorschach* do transtorno de personalidade antissocial é o linguajar empolado, com fraseado rico e algumas vezes retórico, razoavelmente ordenado e controlado, quer durante a fase de aplicação, quer na do inquirido. Em suma, a verbalização da pessoa com esse tipo de transtorno é observavelmente escorregadia, vaga e envolvente durante todo o exame com a técnica do *Rorschach*. Dificilmente aparecem respostas com sombreado e cor acromática, uma vez que o examinando consegue controlar intelectualmente a ansiedade, também não é comum a incidência de cor acromática; o sujeito usa os controles e a labilidade para se proteger da depressão. O percentual de F dentro da média, uma vez que o antissocial consegue controlar racionalmente ou intelectualmente o ambiente; o indivíduo tenta atrair a pessoa do examinador, destacando seus predicados positivos, elogiando-lhe qualidades, não apresenta choque de estupefação, e o índice de FK é baixo.

CAPÍTULO III

REPRESENTAÇÕES PSICOLÓGICAS EM AUTORES DE CRIME HEDIONDO, UM ESTUDO EMPÍRICO

3.1 O Método Fenomenológico

Foi Descartes (1596 – 1650), a apreensão dos objetos percebidos passa necessariamente pela consciência do sujeito pensante. Immanuel Kant (1724 – 1804), por sua vez afirma que experimentamos apenas a superfície das coisas, isto é o fenômeno – o que está aparente, mas não a verdadeira coisa em si. O conhecimento é então, o resultado da atividade mental, que organiza as sensações de acordo com categorias apriorísticas, tais como espaço, tempo, etc.

Foi Lambert, um médico francês, quem em 1764, criou a palavra fenomenologia, que designou como descrição da aparência. Para Edmund Husserl (1859 – 1937), o criador da corrente filosófica denominada fenomenologia, o método fenomenológico é puro, descritivo, à priori e baseado na apreensão intuitiva dos fenômenos psíquicos, tais como se dão na consciência.

Segundo Chéniaux (2005) para a fenomenologia tudo que existe é fenômeno e só existe fenômenos. Fenômenos é todo objeto aparente, é o que se apresenta à nossa consciência. Esta possui uma intencionalidade, isto é, ela se move em direção aos objetos para apreender o fenômeno: é sempre consciência de algo. A consciência é doadora de sentido as coisas, tem o poder de constituir e criar essências. A fenomenologia descreve experiências psicológica subjetivas, e seu objeto é o que aparece na consciência; ela centra-se na vivencia das coisas pelo sujeito, e ao nas coisas em si o observador deve prestar

atenção aos seus próprios pressupostos, deixando de lado todas as teorias, para evitar que distorçam a observação. A intuição, que é o instrumento por excelência da captação fenomenológica, consiste na compreensão empática das vivências; empatia esta que representa a capacidade de sentir-se na situação de outra pessoa.

Coube a Karl Jaspers (1883 – 1969), filósofo alemão, a aplicação do método fenomenológico na investigação psiquiátrica, a partir de 1913. Segundo ele a psicopatologia representa uma descrição compreensiva. Por compreensão entende-se a intuição do psiquismo do outro alcançada no interior do próprio psiquismo. O método fenomenológico utiliza a mente do entrevistador, sua experiência emocional e cognitiva. Trata-se de método empírico que enfoca dados subjetivos. As vivências dos pacientes não podem ser percebidas diretamente como os fenômenos físicos. Mas, após o relato do paciente (subjetivo), fazemos, por meio da empatia uma analogia (comparação) com as nossas vivências, e assim podemos compreender a sua experiência subjetiva. A mera observação objetiva de seu comportamento não permitiria um maior aprofundamento no fenômeno psicopatológico. O foco da psicopatologia fenomenológica é, portanto, as vivências subjetivas – conscientes – dos pacientes, descritas pelos próprios. O que está inconsciente não é objeto da fenomenologia. Por fim a psicopatologia fenomenológica não busca explicações teóricas para eventos psicológicos. Através da redução fenomenológica, os fenômenos são colocados entre parentes: são descritas as vivências em si, sem a preocupação com as origens e consequências.

A fenomenologia prioriza a indissociação entre homem e mundo na própria estrutura da vivência, da experiência intencional. Centraliza-se na relação sujeito-objeto-mundo. Assim, não se atém à inquirição de fenômenos observáveis e controláveis apenas, mas à investigação das experiências vivenciadas e aos significados que lhe são atribuídos pelo sujeito. Essa visão de totalidade é o alicerce da própria existência do ser-no-mundo

(Bruns, 2001).

Segundo o pensamento de Husserl, não existe “consciência pura”, desvinculada do mundo, uma vez que toda consciência tende para o mundo, assim como não existe objeto em si independente de uma consciência que o perceba. O objeto é sempre para um sujeito que lhe atribui significado (Bruns, 2001). A compreensão do Ser depende da percepção da consciência em sua totalidade, essência e intencionalidade.

A fenomenologia, enquanto método preocupa-se com os “fundamentos da significação”, com o solo poético do sentido, “com o não formulado que sustenta a formulação, com o implícito que prepara a explicitação. Ela quer destacar as condições de inteligibilidade do próprio objeto da investigação científica”. É ainda é um método usado na pesquisa qualitativa, que busca a compreensão do fenômeno interrogado, não se preocupando com explicações e generalizações. Segundo Holanda (2001) o pesquisador não parte de um problema específico, mas conduz sua pesquisa a partir de uma interrogação acerca de um fenômeno, o qual precisa ser situado, ou seja, estar sendo vivenciado pelo sujeito.

Para Moreira (2002). A Pesquisa Qualitativa propõe a construção de um itinerário científico que ultrapassa os limites da percepção imediata, permitindo o contato com zonas de sentido ocultas. Trata-se de um processo onde o conhecimento se produz na relação entre pesquisador e pesquisado, havendo, então, um caráter interativo gerador de informações onde a neutralidade se torna impossível.

Segundo Petrelli (2001), a fenomenologia se preocupa em colher relações constantes e, por isso, significativas, entre fatos, para se chegar à compreensão singular e do conjunto de fatos. Essa relação deve ser registrada como se desvela à consciência; num processamento objetivo que colhe os produtos da consciência do investigado, livre de contaminações ideológicas ou de distorções por interpretações subjetivas. Acredita-se que ao assumir

algumas ideias básicas da fenomenologia é adotar essencialmente, uma postura que envolve voltar-se para o outro, enquanto pessoa em sua própria experiência de vida, enquanto sujeito ativo, com múltiplas possibilidades de existir, um vir-a-ser. Além disso, a fenomenologia pode contribuir para essa área, no que diz respeito a uma melhor compreensão das relações humanas.

O método fenomenológico constitui-se em etapas, a serem seguidas na execução da pesquisa qualitativa, as quais em seu conjunto são nomeadas por Gomes (1998) de Reflexibilidade Fenomenológica, sendo elas: Descrição Fenomenológica, Redução fenomenológica e Interpretação fenomenológica.

Segundo Martins (1992) existem trajetórias que podem revelar caminhos adequados na busca da compreensão do fenômeno. Trata-se de um caminhar gradativo, relacionado ao próprio desenvolvimento da fenomenologia, enquanto alternativa metodológica de pesquisa nas ciências humanas. O método fenomenológico possui sentido amplo, que vai de uma interpretação a outra, e tem as seguintes características:

- É um método derivado de uma atitude, que presume ser absolutamente sem previsões, tendo como objetivo proporcionar ao conhecimento filosófico as bases sólidas de uma ciência de rigor, com evidência empírica.
- É descritivo, conduzindo a resultados específicos e cumulativos. A descrição fenomenológica compõe-se por três elementos: a percepção, a consciência que se dirige para o mundo-vida, o sujeito que se vê capaz de experimentar o corpo-vivido através da consciência.
- Tem como método a redução, que é o movimento que vai da crença na atitude natural ao domínio da subjetividade transcendental. A redução fenomenológica, por sua vez, é o momento em que são selecionadas as partes da descrição que são consideradas essenciais e aquelas que não o são, através da variação imaginativa. O pesquisador

imagina cada parte como estando presente ou ausente na experiência, até que a descrição seja reduzida ao essencial para a existência da consciência da experiência.

- Analisa dados inerentes à consciência, funda-se na essência dos fenômenos e na subjetividade transcendental. É o momento em que se tenta obter o significado essencial na descrição e na redução. O pesquisador assume o resultado da redução como um conjunto de asserções ou unidades de significado, que se mostram significativas para ele, apontando também para a experiência do sujeito, para a consciência que o sujeito tem do fenômeno. Inicialmente, as unidades de significado são assumidas na linguagem do sujeito que descreve o fenômeno, sendo posteriormente transformadas em expressões próprias de discurso que sustentam o que está sendo buscado, por exemplo, um discurso psicológico, educacional, social. Finalmente é organizada uma síntese dessas unidades de significado encontradas, a partir da análise das descrições dos vários sujeitos da pesquisa, sendo buscadas, então, suas convergências, divergências e seu desabafo, tudo que o “eu” sente em relação ao mundo material.

Segundo Chechin (1985) o método fenomenológico é o que melhor se adapta a compreensão da realidade humana. O *Rorschach* nos dá uma série de dados, estruturas perceptivas, que constituem o resultado de um teste. Esses dados podem ser analisados pelo método das ciências naturais ou pelo método intuitivo fenomenológico. O resultado de um teste pode ser comparado a um quadro que retrata o indivíduo. O método fenomenológico põe entre parênteses os dados sensíveis e quantificáveis para colher o essencial humano e a modalidade como ele é vivido pelo indivíduo. O método fenomenológico aplicado ao *Rorschach* tem por objetivo compreender através de um ato intuitivo, as estruturas constitutivas da experiência humana, especialmente a presença, a convivência, a continuidade, a descontinuidade, a *retentio* e a *protentio* da mesma.

3.1.1 Instrumento

Os instrumentos de coleta de dados utilizados na pesquisa, como já citado, foram a entrevista, análise de documento e o psicodiagnóstico *Rorschach*.

A entrevista possibilitou a obtenção de dados sobre a história de vida dos sujeitos, suas percepções de si mesmo no mundo, intencionalidade, percepção dos fatos que se lhe referem, de significado dos fatos, sua estrutura de juízo, sentimentos e conduta.

Na análise de documentos foi consultado o prontuário de sentenciado, composto de vasta documentação sobre a vida dos sujeitos pesquisados no curso do processo de aprisionamento, que permitiu uma avaliação geral dos casos em estudo.

3.1.2 Sujeitos do Estudo

Participaram deste estudo 05 (cinco) pessoas do sexo masculino escolhido de forma aleatória entre os detentos do Centro de Inserção Social de Rio Verde que cumprem pena por crime hediondo, em específico o crime de homicídio qualificado e que aceitaram participar desta pesquisa.

3.1.3 Procedimentos

Para realização deste trabalho, optou-se pelo estudo de caso realizado através do psicodiagnóstico *Rorschach*, por constituir instrumento de pesquisa que permite uma compreensão profunda do sujeito: seu modo de ser no mundo, constituição subjetiva e singularidade.

Neste trabalho, o processo psicodiagnóstico adquiriu uma forma de investigação quantitativa e qualitativa, desenvolvida em uma perspectiva fenomenológica. A pesquisa foi

realizada em cinco autores de crime hediondo, em regime fechado na Agência Prisional de Rio Verde do Estado de Goiás. As coletas de dados nos estudos de casos foram realizadas mediante a utilização dos seguintes instrumentos: entrevista semi-estruturada e Psicodiagnóstico *Rorschach*.

A princípio foi estabelecido contato com os participantes, onde se buscou sensibilizar quanto aos objetivos e à natureza da pesquisa. Neste contato, os participantes se propuseram espontaneamente a colaborar com a investigação, autorizando de forma escrita através do termo de consentimento livre e esclarecido a entrevista e a utilização dos dados coletados na pesquisa.

Todo procedimento deste trabalho foi realizado em duas etapas com cada sujeito, sendo a entrevista num primeiro encontro e posteriormente aplicação do teste projetivo. No primeiro encontro foi apresentado ao participante o termo de consentimento Livre e Esclarecido e foi também realizada a entrevista que se processou de forma padronizada, com tempo de duração indeterminado.

No segundo encontro foi aplicado o teste projetivo *Rorschach*, foram usadas dez pranchas padronizadas, compostas por manchas de tinta, selecionadas de modo a cumprir os requisitos de composição e materiais exigidos para a aplicação do teste. De início, foi feita a aplicação padrão e, depois, feito o inquérito tradicional. O encontro para aplicação do teste teve uma duração aproximada de duas horas para cada participante.

3.2 Resultados

3.2.1 Sujeito I - Histórico de vida e criminal: José

“Tenho trinta e um anos, sou natural de MT, sou solteiro, lavrador, estudei até a primeira série. Tenho mais cinco irmãos mais novo do que eu. Eu não tive pai não, eu

conheci meu pai até os sete ano de idade, minha mãe tem uns vinte e quatro anos que não vejo ela. O casamento deles era um casamento bão, eles num brigava, nois era de família crente, mais aí eles separam e eu nunca mais vi eles. Eles separaram por que minha mãe largou meu pai pra ficar com outro. Aí quando eles separam eu sai pro mundo sozinho com sete anos, aí minha vida dói trabalha trabalha, até começar a usar droga, quando comecei eu tinha dezenove anos.

Quando caí no mundo eu fui Pará no Tocantins, aí uma tia lá me achou e começou a cuidar de mim, eu tinha outros irmãos lá de criação, era a tia e um tio lá também, eles até tentava tratar eu igual os outros filho mas era diferente, a diferença sempre teve né. Meus irmão de verdade eu nunca mais vi.

Em Rio Verde já vai fazer uns cinco anos que estou aqui, eu vim pra cá pra trabalha na perdigão, eu corto lenha com motor serra, quando eu vim pra cá eu tinha dado um tempo na droga.

Quando eu era criança eu brincava mais era com meus irmão e com a minha mãe, porque quase não tinha tempo pra brincar, nesse tempo nois trabalhava no garimpo. Com meu pai era até bão, não tinha muito problema não, só minha mãe que me batia por que eu era muito custoso, era por que eu saia pra tomar banho no córrego, era sem educação, e por isso ela batia demais.

Eu nunca tive amigo não, meu amigo foi o mundo, o mundo me ensinou muitas coisas né, é como eu falo, meus pais são o mundo.

Muita gente já me fez sofre, mas eu não gosto de falar nisso pra não ter que lembrar de trem ruim, tem umas coisas que quero esquecer na minha vida, mas eu já tinha uns 24 anos, eu já tava adulto já, não era criança mais não.

Eu já fui casado uns seis anos, tive dois filhos com ela, mas acabou por causa de briga, nessa época eu sofri, porque eu cresci sozinho e meu negócio era gostar de mim e só

de mim, mais aí eu fui gostar dos outros e fez eu sofrer, mas eu sofro mais por causa dos meus filhos, o mais velho vai fazer oito anos e o mais novo vai fazer seis.

As pessoas me veem com maldade, eles me transformam numa coisa que eu não sou, mais aí pra gente sobreviver a gente tem que fazer o que eles pensa que a gente é, eu acho que eu sou uma pessoa normal, eu não me vejo como ele me vê não. Mas tenho que viver como as pessoas querem, mas acho que Deus tem um plano pra minha vida, porque tanto sofrimento pra uma pessoa só.

Olha só, eu cometi um crime, fui e confessei, eles me trouxeram pra cá, mais aí saiu o meu alvará de soltura, e depois de três meis só por que meu apelido e concreto, só por que teve um homicídio com um dos meninos que nois morava e foi feito com um negócio de concreto, eles me acusou que foi eu. E isso tava errado, tão errado que tive que matar um aqui dentro da cadeia, eles falava que eu já tinha matado, que eu era forasteiro, que saiu de longe pra matar em terra dos outros, o mundo me ensinou a sobreviver. Se tem uma coisa que não aceito é me acusar de uma coisa que não fiz e se isso acontecer eu vou lá e faço, já que eu vou pagar mesmo, então eu pago pelo que eu fiz.

O mundo é de quem tem dinheiro, se tem dinheiro pode até roubar que não é ladrão, tem até outros nomes, mas não é ladrão.”

Jose está preso por três homicídios e tráfico de drogas dentro da agencia prisional. O primeiro homicídio foi por ter sido agredido fisicamente por um colega (tapa no rosto) confessou o crime, o segundo ele está sendo acusado, mas se diz inocente e o terceiro ele cometeu dentro da agencia assassinou outro detento.

I	1: Mascara 2: duas mãos de uma pessoa, pessoa tipo soldado parece dando a mão um ao outro 3: Rosto, por causa da boca, do nariz, olho não vejo T: lago S: vontade tomar banho de volta	1: GDbIF+masc (H)(A) 2: DF+kp H 3: GDbIF+masc	Simulação e dissimulação.
II	1: lago, o branco é a água, lodo ao redor de um lago 2: sinal de uma cruz	1:DDbl F+- Nat 2:DdF+- obj sgrd	Primitivismo ético e psicológico,
III	1: Jarro de planta com um pingo de tinta vermelha T: jarro de planta S: alegria de ver o jarro florido	1:DDbl F+ C obj	Impulsividade, pessoa sem vitalidade, impulsividade destrutiva, desvalorização do humano vivente, das regras sociais, impulsos destrutivos, associal, antissocial, perversidade impulsiva e instintiva, uma destrutividade, psicopatia.
IV	1: formação de um pé de arvore, com bastante galha, bonita com bastante sombra, está viva, pintada de preta, florida, grandona. T: pé de gameleira S: bonita ela	GF+Clob Bot	Poder de controle cognitivo e emocional, tendência demoníaca-diabólica. Insensibilidade, desprezo pelas figuras de autoridade.
V	Morcego voando, pelo jeito, pelas pernas T: Morcego S: nenhum	GF+A kan	
VI	Escova de lavar boi, por causa do sabão, da espuma T: escova S: não tem	GF+Ctext obj	
VII	Caverna, esculpido nas rochas no tempo de garimpo, parece pela forma T: caverna S: bom, trabalhar é bom	Gdbl F-+ Nat	
VIII	Montanha, tem uma camada de água por baixo, vulcão por causa que tá entrando em erupção por causa do vermelho. T: vulcão S: correr, ficar longe	Gdbl C K- F vulcão	Impulsos destrutivos, desvalorização do humano, das regras sociais (associal), antissocial, psicopata, sociopata
IX	Barco, pelo formato, subindo as velas, a água em baixo T: um barco S: bão o barquinho	Gdbl F+ obj	
X	Raízes, pelo formato de raiz Pedaco de carne, comer carne T: pedaco de carne e raiz S: bão	DF+- bot/Nat DC-+ carne	

PSICOGRAMA SUJEITO I

TR:14

G: 07 (50%)

Dd: 01 (7%)

F+:08 (57%)

D: 06 (43%)

F: 12

Clob: 01

Ctext: 01	K-: 01	OBJ: 04
CF: 01	Masc: 02	BOT: 02
C: 02	H: 01	VULCÃO: 01
Kp: 01	NAT: 03	IR: 50% (V,X)
Kan: 01	A: 02	TRI: Extratensivo (K<C)

O sujeito I apresentou através da história de vida e do teste *Rorschach*, primitivismo ético e psicológico, simular e dissimular frente às novas experiências, pessoa sem traumas existenciais, sem vitalidade, portador de impulsividade instintiva destrutiva e insensibilidade, podendo ser considerado de grande periculosidade, pois desvaloriza o humano vivente e as regras sociais, mostra ser possuidor de controle cognitivo e emocional e perversidade impulsiva com tendência demoníaca-diabólica. Pessoa de caráter explosivo, possuidor de transtorno de personalidade antissocial, psicopatia.

3.2.2 Sujeito II - Histórico de vida e criminal: João

“Tenho dezenove anos sou natural da cidade de Paraúna tenho três irmãos e sou o filho mais novo de todas. Meu pai e minha mãe foram casados 35 anos mas separaram quando eu tinha 8 anos, e é engraçado que eles separam mas eu nunca vi nenhuma briga deles, foi de repente, sempre me dei melhor com a minha mãe porque ela era calma e nunca reclama de nada, meu pai sempre trabalhou na roça e nunca via ele direito, saia cedo e voltava a noite, e ficou pior depois que ele foi embora de casa, porque aí ele sumiu de vez.

Quando era criança morei em um monte de cidades, porque meu pai trabalhava em fazendas e nunca parava num lugar, mudava demais da conta, e por causa disso nunca quis arrumar amigos não, por que eu sabia que ia embora de novo e nem dava tempo, eu era muito novo também e na roça quase nem tinha criança mesmo.

Eu sempre gostei de brincar de bola só. Tenho poucas lembranças de quando era criança, mas como lembranças ruins acho que foi toda vez que mudava de casa, de fazenda e também foi quando comecei a usar droga, eu comecei a roubar tinha uns nove anos e comecei a usar droga com doze anos; como lembrança boa não tenho nada, por que acho que na minha infância só aconteceu coisa ruim. Eu era uma criança custosa demais, mas não apanhava muito não até por que eu já roubava.

Comecei a estudar eu tinha uns seis anos e parei com doze, foi quando comecei a usar droga. Na escola eu matava aula demais, mas quando ia na aula eu brigava muito com os professor e com os outro colega, fui expulso um monte de vez dum monte de escola. Eu acho que eu tinha um monte de colega e muito pouco amigo, porque quando eu ia fazer uma amizade eu tinha que mudar e nunca mais via aquela pessoa.

Minha primeira namorada eu arrumei quando eu tinha dezesseis anos, e fiquei com ela uns dois meis só, porque eu e ela usava droga e brigava muito também, aí depois que acabou também eu nunca mais quis arrumais mais ninguém, por que nunca parava também eu andava pelo mundo, ao mesmo tempo que tava aqui já ia embora, nunca gostei de parar num lugar só, saio andando pelo mundo, e num acho ruim ficar sozinho não acho normal eu não gostar de ninguém.

Já trabalhei algumas vezes só com serviço pesado, ajudano pedreiro, e trabalhei também como jardineiro, mas não to nem trabalhano e nem estudano aqui. Aqui eu não recebo visitas de ninguém, as vezes quem vem aqui falar comigo é só o advogado. Eu já fui preso outras vezes e sempre por furto, e já fiquei preso lá em baixo na CPP e já tem dois ano que estou aqui no CIS.

Eu acho que até tenho a saúde boa, hoje eu tomo remédio só pra dormir, já fui internado uma vez só assim que cheguei aqui porque eu estava com pneumonia, e desmaiei também uma vez só também mais foi de tanto usar droga. Minha mãe e minha Irma tem

problema de coração, mas acho que eu num tenho nada não.

Eu num confio só na minha mãe e em Deus, e também num gosto e num confio de polícia, por que tem muita gente safada por aí.

Só tem uma coisa que num aceito mesmo, é que alguém desconfie de mim, isso eu num aceito e se isso acontecer eu parto pra briga. As vezes eu ficou meio estressados e uma palavra só já me tira do sério e me irrita demais.

Eu acho que eu sou uma pessoa que não é muito normal por causa das drogas, mas me acho tranquilo, só as vezes que fico descontrolado, mas as vezes só, eu me acho sincero e acho mais fácil falar quando não gosto de alguém do que quando gosto. Quero sair daqui logo e viver uma vida normal e sossegada, se diz sincero e acha mais fácil falar quando não gosta do quando gosta de alguém”

João está preso por latrocínio, assassinou um fazendeiro e seu caseiro a golpes de machado, decapitando ambos para roubar uma caminhonete, na fuga seu comparsa se feriu ao saltar veículo em movimento.

I	1: Borboleta - está com as asas abertas, parada, e esta inteira, parece por causa da forma dela 2: Um morcego - Esta inteiro e voando. Não! Ele tem só a cabeça, parece por causa do formato e por que está voando 3: Golfinho - Ta normal, parado. Título: morcego sent.: ruim	1: G F+ A 2: G F+ Ad 3: D F+ kan A	* Tem sintonia com a realidade, sabendo distinguir entre o certo e errado. Representação pessimista do mundo, pobreza afetiva. Flagrantes de crime de decapitação,
II	“Tá difícil!” Uma borboleta - é uma borboleta, está voando, tem asas e corpo, o formato parece. Tit: borboleta no campo sent: bom, perto de um rio. Liberdade.	D F+ kan A	Desejos de liberdade. Liberdade a serviço da crueldade. Mecanismo de defesa (desat. ao vermelho)
III	Corpo sujo de sangue, uma pessoa, sangue, pessoa morta. - Ta muito machucada, sem cabeça e sem pernas, só o tronco, sangue devido a cor Tit: cadáver Sent.: ruim, só o tempo pra curar. Raiva da vida	DG dbl F+- C Hd sang H desvitalizado	*Agressividade, flagrantes de um crime, intimidade com a morte, tendo a mesma como projeto de vida, autor de experiência terrificante, Primitivismo ético. Perversão.
IV	^ uma arvore morta - ela está em pé, tem tronco, está morta, seca.	G C Cob F+- bot desv	Visão pessimista da figura masculina de virilidade, da figura paterna e de

	Tit.: chegou o fim Sent.: bom. Já foi alguma coisa boa e hoje não é mais, hoje ta apodrecendo, ta no fim. Tristeza		autoridade. Indiferença afetiva e ética; masculinidade e virilidade em decadência.
V	Um morcego voando – parece pela forma dele, é uma figura ruim.	G F+ A	Responsabilidade cognitiva de suas ações; autor de experiência terrificante; liberdade a serviço da crueldade. Associabilidade, antissocial
VI	1: catacumba em um cemitério – parece pela forma do desenho, a cruz em cima 2: uma cruz derramando sangue – tudo acabou não tem mais volta T: o fim S: ruim, tristeza, revolta	D Ccob F (C) F arq.	Instinto de morte,
VII	1: uma borboleta queimando – uma borboleta pegando fogo nas asas, pela forma e pela cor da fumaça 2: dois bichinhos conversando – no desenho eles estão feio pra “carai”, um de um lado e outro do outro lado, fazendo alguma coisa ruim, em cima de uma pedra, estão trocando ideia e não é coisa boa não, estão querendo fazer alguma coisa que não presta, um furto ou um roubo.	D G C Cob Kobj -+ A desv DG F+ kan obj Ad	* relação com o outro numa sociedade criminosa. *Dificuldade de estabelecer relações afetivas de profundidade e intimidade Desejos perversos, intimidade perversa, possuidor de desejos destrutivos desde infância.
VIII	1: uma caveira, um crânio – tem a cabeça e os peito, não é mulher, é uma caveira muito feia, tem a forma de caveira. 2: dois bichos – um de cada lado, tem rabo e está saindo de dentro da caveira, são duas coisas ruins saindo de dentro da caveira. T: Caveira S: Bom, está ficando pra trás alguma coisa ruim, mudando a vida, jeito de viver. Alívio.	D dbl F-+ H Anat det D F+- kan obj A dual	*transtorno de personalidade antissocial, Psicopata. *inocência perdida e irrecoverável Desejos perversos, intimidade perversa,
IX	1: dois caras armados – “essa é muito doido! ” São dois caras armados, tentando entrar numa porta. 2: sangue - o sangue é de um deles, ele se machucou, estavam os dois, mais aí um pulou e machucou.	DG dbl F+ K- C H dual sang	Flagrantes do crime, desejos perversos, relação com o outro numa sociedade criminosa. Herança de uma ferocidade,
X	1: uma fazenda com arvores 2: um rio 3: passarinho Parece por causa do jeito, da cor, é muita coisa boa. T: felicidade S: paz	G dbl F+ C nat	*Memórias da infância

PSICOGRAMA SUJEITO II

Total R: 14

G: 09 (64%)	A: 06	IR: 75% (V, VIII, X)
D: 05 (36%)	Ad: 02	TRI: Extratensivo (K < C)
F: 13	H: 03	
F+: 09	Hd: 01	
Kan; 04	Botan. Desvit: 01	
K-: 01	Arq.: 01	
Kob: 01	Anat. Det.: 01	
C: 05	Sang; 02	
Clob: 03	Nat.: 01	

O sujeito I apresentou através da história de vida e do teste *Rorschach* ter sintonia com a realidade por isso é responsável cognitivamente por suas ações, sabe distinguir entre o certo e errado; possui uma representação pessimista do mundo, pobreza afetiva e ética com desejos destrutivos desde infância. Pessoa agressiva e perversa que usa a liberdade a serviço da crueldade e intimidade podendo ser autor de outros crimes de homicídio, pois tem a morte como projeto de vida. Demonstrou estar com a masculinidade e virilidade em decadência, e por isso dificuldade de estabelecer relações afetivas de profundidade e intimidade. Possui visão pessimista da figura masculina de virilidade, da figura paterna e de autoridade, não possui uma boa representação do humano, vendo o outro apenas com utilidade para uma associação criminosa.

Através do teste *Rorschach* foi possível colher flagrante psicológicos do seu crime onde o mesmo foi autor de experiência terrificante com decapitação da vítima. Demonstrou ter indiferença afetiva, instinto de morte, desejos perversos e intimidade perversa, possuidor de transtorno de personalidade antissocial, Psicopatia.

3.2.3 Sujeito III - Histórico de vida e criminal: Fábio

“Tenho 26 anos, sou solteiro, eletricista, meus pais são casados até hoje, e toda vida brigavam muito, agrediam um ao outro, iam nos tapas, só depois que eles perderam um filho que a relação deles melhorou. Tenho mais dois irmãos, um está preso na CPP por tráfico de drogas e o outro faleceu a poucos dias assassinado. Minha mãe é uma pessoa muito humilde e trabalhadeira e meu pai é um homem guerreiro que não gosta de coisa errada.

Durante a minha infância e adolescência meu pai e minha mãe bebiam e brigavam muito e isso me deixava revoltado e por causa disso eu preferia ficar mais longe deles.

Sempre brinquei muito com meus irmãos quando era criança mais aí a gente foi crescendo e foi dá um pra um lado. Da minha infância eu tenho uma lembrança boa, foi quando eu reprovei na quarta série e meu pai tinha me prometido uma surra, só que ao invés de me bater ele me deu um videogame e conversou muito comigo, isso ficou muito marcado na minha cabeça, por que ao invés de me bater, ganhei um presente. As lembranças ruins são só as surras que levei do meu pai.

Na escola eu era muito bagunceiro, matava aula pra ficar na rua, mas a professora me achava inteligente. Fui expulso algumas vezes por bagunça dentro da sala, por falta de educação com os professores. Pulava a cerca da escola quando me via apertado e em dia de teste, e tirava nota ruim principalmente em matemática. Eu me considerava uma pessoa comunicativa e por isso fiz amizades muito fácil.

Tive poucas namoradas por namorei muito tempo com a mãe das minhas filhas, no começo do namoro, nos primeiros anos foi tudo bem mais aí depois que ela engravidou começou as brigas porque eu queria sair e ela as vezes não podia, e pedia mim ficar mais eu saia, as brigas eram mais por ciúmes mesmo, é que nem sempre eu era fiel mesmo.

Tenho pensado muito sobre o tempo que estou preso por que acho que perdi quase uma vida inteira nesse tempo, só que quando eu sair eu quero recuperar o tempo perdido,

quero ver a minha mãe, sair e ganhar dinheiro, só penso em mudar de vida mesmo.

Fábio responde por dois homicídios, o primeiro de um Sr de idade, mendigo que estava dormindo na calçada, Fabio e mais três indivíduos espancaram o Sr até a morte, o segundo homicídio foi em um posto de gasolina, onde deu vários tiros em um homem o qual dizia ter alguns desentendimentos por drogas.”

I	1. (2:28”) Morcego – meio estranho, tá voando com as asas abertas, só a parte escura, o branco parece que são manchas no morcego, parece que ele tem duas garrinhas. As asas dele está despedaçando, arrancando.	Gdbl F+ Adet kan G F+ A Com. Disf.	* Sentimento de insegurança e desconfiança.
	2. Borboleta – parece pelo jeito dela. T: pássaro de sangue S: assombroso, susto		
II	Nada viu – “muito estranho esse desenho, não consigo ver nada”		Medo de se condenar.
III	1. (2:45”) Rato	D F+ A	* não consegue perceber o outro humano, com sentimentos reprimidos de raiva, ódio em relação as pessoas
	2. Um besouro - mas tem o corpo largo, então parece mais um besouro mesmo, com dentes, olhos grandes, duas garrinhas. Uma raça muito estranha de besouro. T: Fúria de um besouro S: medo	Ddbl F+ A	
IV	1. Um sapo – tem a cabeça e a forma das patas, só que as patas estão pra trás, lembra por causa do jeito do desenho	D F+ A D F+ A	Condenação do seu inconsciente, desejos de poder.
	2. Morcego com as asas abertas parece por causa das asas. T: sapo boi, sapo cururu S: nojo, enjoou		
V	1. Um pássaro – parece pela forma dele, ele está inteiro, parece que está voando com as asas abertas, plainando. T: o voador S: liberdade	G F+ A kan	*baixa tolerância a frustração
VI	1. Uma pele de um bicho aberta, pele de um guachinim - parece por causa da forma do desenho	D F- + A desvitalizado	* Sentimento de inferioridade.
	2. Um inseto – o inseto está na parte de cima, parece um inseto que não sei o tipo, não sei definir bem o que é não, lembra inseto pelo jeito do desenho, as asas. T: extinção S: nenhum	D F+- A	

VII	1. Uma arraia – está estranho, mas na parte branca parece uma arraia, mas está faltando uma parte do rabo.	D dbl F+ A kan G F+- A kan	* Dificuldade de estabelecer relações afetivas de profundidade e intimidade.
	2. Um bichinho em pé – um bichinho de pé com as mãozinhas pra cima – não sei que bicho é mas é um inseto.		
	3. Uma barata – é uma barata, só que está faltando as anteninhas. T: a barata dançarino S: alegria		
VIII	1. Órgãos internos do corpo humano – parece que são os órgãos internos do corpo humano, são os pulmão e rins, por causa da forma dele.	D F+- anat H D F+A kan	Desejos de poder. Tendência destrutiva
	2. Dois cachorros, ou duas – estão subindo, escalando.		
IX	“Essa está difícil, o que você acha que parece?”	D F- (H) K- D F+ Ad inho	* Relação desconstrutiva com a figura materna, e com as demais figuras femininas.
	1. Parece alguém sentado em uma cadeira segurando alguma coisa – tipo uma bruxa segurando uma vassoura. 2. Cabeça de um pintinho – um pintinho com um corpinho muito pequeno.		
X	1. Dois cavalos marinhos	D F+ A	* Tem sintonia com a realidade, sabendo distinguir entre o certo e errado
	2. Duas águas-vivas	D F+ A	
	3. Louvas deus	D F+ A	
	4. Dois sirizinhos	D F+ A	

PSICOGRAMA SUJEITO III

Total de R: 19

G: 04 (21%)

Ad: 01

D: 15 (79%)

H: 01

F: 19

(H): 01

F+: 14

Anat.:01

Kan: 05

IR: 75% (V, VIII, X)

K-: 01

TRI: introversivo (K>C)

A: 16

O sujeito III apresentou através do Teste *Rorschach* e da história de vida ter sentimento de insegurança, desconfiança, sentimento de inferioridade, desejos de poder com tendência destrutiva, relação desconstrutiva com a figura materna e com as demais figuras

femininas. Possui sintonia com a realidade sabendo separar o certo do errado, baixa tolerância a frustração e dificuldade de elaborar sentimentos de dor e de perda, não consegue perceber o outro humano, com sentimentos reprimidos de raiva e de ódio em relação as pessoas dificultando a possibilidade de estabelecer relações afetivas de profundidade e intimidade. Apresenta possuir transtornos de personalidade antissocial.

3.2.4 Sujeito IV - Histórico de vida e criminal: Hélio

“Tenho 37 anos, sou casado e sou lavrador, trabalho em fazenda, estudei até a 4ª série e aqui estou estudando também, tenho irmãos, são 3 homens e 4 mulheres, meus pais são separados, 74 anos meu pai, minha mãe tem 72 anos, eles se separaram em 1983, eu tinha 12 anos quando se separaram, os outros irmãos são mais velhos sou caçula.

Eu não convivi com meu pai, moro fora, quando vejo ele, não sei explicar que sinto, por que meus pais se separaram eu tinha 14 anos e eu fiquei morando com minha mãe e meus outros irmãos também, meu pai foi pra outra cidade. Meu pai era um homem o seguinte, meu pai era um homem muito dedicado, só que ele não tinha aquele carinho que o pai deveria ter com o filho né? Meu pai não era carinhoso, meu pai achava que a obrigação era ser dedicado, agora pra mim que precisava de opinião, apoio comigo não tinha. Minha mãe sempre foi uma mãe trabalhadeira, ela sempre ensinou o que era certo e o que é errado pra nós, minha mãe é crente né? Mostrou tudo que é bom para nós. De todos os filhos dela o problemático sou eu mesmo, sou aquele que infelizmente saiu fora da linha. Minha mãe é crente todos eles são só eu que infelizmente não sou. Mas, minha mãe sempre foi uma mulher trabalhadeira, trabalhou em pau de arara para cuidar de nós.

Não sou uma pessoa igual os outros, sempre as pessoas pediu as coisas, sempre fui bom para os outros, as vezes eu tento falar não, mas eu não sei falar não para os outros. Se

chegar um e tiver um pão e eu tô com fome eu fico sem o pão e te dou o pão eu não sei falar não para ninguém.

Eu nunca vi meu pai e minha mãe discutirem, nunca vi, se falar que vi tô mentindo. Eu nunca vi, se discutiam era quando eu ia pra escola, pra trabalhar. Eu nunca vi eles discutir. Eles se separaram e pelo que me falaram, foi o meu pai, nós morava aqui em Rio Verde e meu pai na fazenda e parece que meu pai arrumou uma mulher lá, então ela descobriu e ela separou não queria mais se separou e nunca mais voltou, minha mãe é uma pessoa que fala que quando pedra é pedra é difícil falar que não é. Então, nunca tive intriga nem com a mãe nem com o pai, sempre apoio meu pai, meu pai pode ser o que for que apoio ele.

Nunca brinquei, nunca tive infância, nós não teve infância isso é verdade que os filhos que minha mãe teve não teve infância. Nos brincava de carrinho, meu pai não dava brinquedo para nós, nós fazia carrinho de litro, de loneira, quando nos podia brincar, porque nós tinha sete, oito anos, nós vendia picolé na rua para ajudar minha mãe, minha mãe trabalhava no pau de arara e nós trabalhava, vendia picolé essas coisas, de vez enquanto ela trabalhava de doméstica, nós fazia uma coisa ou outra para ajudar em casa.

Sempre tive um bom comportamento, graças a Deus. Sempre tive um bom comportamento, não faltava a aula, não repetia de ano, nunca fui expulso da escola, cumpria as normas da escola.

Não tenho lembranças nem boas nem ruins de quando eu era criança, só depois que fiquei mais velho que teve uns fatos de acidente que não esqueço, perdi um olho e depois disso pensei até em suicídio, isso foi em 95 para 96. Então foi o acidente e depois quando peguei minha ex-mulher com outro isso foi uma coisa que me abalou muito, entendeu?

Tive sete mulheres (conta de mentiroso...rsrsrs), mas casamento, casamento mesmo posso dizer que foi só um, é porque com essa esposa vivi uns oito anos a nove anos eu vivi com ela. Olha, os outros casamentos não sei qual é o problema depois que aconteceu esse

problema comigo eu não sei se o problema tava em mim ou se tava nelas. Quando pensava que o casamento ia bem acabava tudo, durava um ano e meio, dois anos. Só tive uma mulher que vivi por quatro anos com ela mais separou sem explicar, porque ela era vadia e nunca mais ela voltou...rsrsrs...não sei se o problema tava nela, não sei te falar.

Só tem uma coisa que não aceito de jeito nenhum é traição, falo uma coisa, se não tiver gostando de mim e ... Eu tenho sangue quente, só meio ignorante nessa parte, Deus me livre, já aconteceu uma vez, pra não acontecer nunca mais, mas se acontecer de novo acho que mato os dois. Hoje vou contar uma coisa pra você, depois que aconteceu isso comigo, eu sai pelo mundo, a mio a escola que tem é o mundo, eu aprendi muita coisa, aprendi relevar muita coisa, antigamente eu era muito ignorante, mas Graças a Deus hoje eu vejo que o mundo me ensinou muita coisa, muita coisa.

Meu acidente foi o seguinte, foi de caminhão, trabalhava lá em Rondônia, tomei rebite, porque quanto mais puxava madeira mais ganhava, acho que tomei de mais, eu tomava muita cachaça na época, tava sozinho? Só eu e Deus, não morri por Deus, fiquei 1 anos e 6 meses na cadeira de rodas, quebrei as costelas o braço, furei o olho acordei em Goiânia no hospital, pior coisa.

Esse homicídio, isso é uma coisa que acaba com a gente, as vezes a gente faz que esconde mais aqui não esconde não, sempre tá na mente, é uma coisa que você pode pagar cadeia que sempre tá na mente, sempre ta aqui pensando não tem melhora. Nossa, penso tanta coisa, porque nesse negócio era eu ou ele, ele tava armado também, é mais fácil ver sua mãe chorar, seus irmão chorar por causa da gente aqui, só que não concordo com isso a gente não conforma com a vida dos outros.

Eu acho que eu sou uma pessoa normal, olha só vou falar a verdade pra você, na época as pessoas olhava e achava que era normal, depois de uns tempos as pessoas me olha, achava que tá me reparando, entendeu? Por causa do olho, tudo eu penso, se uma pessoa

olha pra mim eu acho que ela ta me reparando igual apelido, eu não atendo nenhum apelido que os cara coloca porque já fico ofendido.”

Hélio responde por um homicídio por crime passional, assassinou o marido de sua amante de quem vinha sofrendo ameaças, desferiu vários tiros contra o mesmo após discussão.

I	Dois animaizinhos- não sei que bicho é, tem cabeça, rabo, está em um tronco de árvore caçando alguma coisa - duas Pessoas - duas pessoas de frente uma pra outra, no meio dos bichos Título: felicidade Sent.: carinho	DG F+- H dual A DG F+ A Nat kan (inho)	Medo de se comprometer; desconfiança frente as novas situações.
II	-“não vejo nada” -dois cachorrinhos - os dois andando de frente, olhando um pro outro de banda (lado), ta inteiro, tem focinho e olhos. Título: os animais Sent.: alegria	D F+ A dual (inho) kan	Sentimento de inferioridade
III	- duas pessoas esquisita lavando roupa no rio - a cabeça faltou uma parte, o corpo, o quadril ta faltando, duas mulheres lavando roupa. Título: trabalho Sent.: felicidade	DG F+ KH dual (critica)	Complexo de castração.
IV	- “esse ta complicado”. -um vulcão em chamas, tem fogo.- uma coisa que explodiu de dentro pra fora, ele está em movimento, soltando larva. Título: vulcão Sent.: tristeza	G Clob kob F vulcão (crítica)	Impulsividade
V	- uma borboleta. “Certeza, muito mal feita mais ta”- ela está voando Título: borboleta Sent.: esperança	G F+ A Kan	Sentimento de inferioridade, auto crítica
VI	- Uma espada enfiada - fincada numa rocha ou madeira, parece mais uma rocha. Igual nos desenhos. Título: cravada Sent.: descanso, “complexo hein!!”	DG F (C) Clob Kobj obj nat	Imposição de poder
VI I	Nada viu “Essa aqui ta tudo escuro, não vejo nenhum tipo de desenho, ta neutro”		Rejeição
VI II	- dois ursos, um de cada lado, estão se movimentando. - um urso só, o outro é a sombra - porque estão passando na água, esse está mais perfeito, ta bebendo água e vê a sombra dele. Título: o urso tomando água Sent.: liberdade	D F+ A	Narcisismo
IX	Nada viu “Essa aqui também está neutra, não vejo nada, igual ao outro		Medo de se entregar
X	Nada viu “Esse aqui também está complicado, também ta neutro, não vejo nada”		Medo de se entregar

PSICOGRAMA SUJEITO IV

Total de R: 08

G: 06(75%)	Kob: 02	Rejeição: 02
D: 02(25%)	Clob: 02	Crítica: 02
F: 07	F(C): 01	IR: 75% (III, V, VIII)
F+: 07	Obj: 01	TRI: Intratensivo (K>C)
K: 01	Nat.: 02	
Kan: 03	Vulcão: 01	
H: 02	A: 05	

O sujeito IV no Teste *Rorschach* e na história de vida apresentou dificuldades para elaborar sentimentos de dor e de perda, possuindo sentimentos de angústia e medo em relação às figuras de autoridade, com sentimento de impotência diante do outro, usando sua sexualidade de forma ofensiva e impulsiva como forma de amenizar sentimentos causados pelo complexo de castração. Se sente inferiorizado, rejeitado, e com o conceito de auto-imagem prejudicado, despertando sentimento de insegurança e desconfiança, causados pela relação construtiva com a figura materna e com um vínculo precário, vivencia conflitos, tensões e angústias, não sabendo elaborar ou conviver com os mesmos faz com que não demonstre sentimentos de esperança e otimismo em relação à vida.

Não apresenta uma boa socialização em relação às pessoas devido a desejos de poder, apesar de que consegue perceber os outros, mas evita aproximações e contatos verdadeiros, reprimindo seus afetos e emoções, prejudicando sua espontaneidade. Para tanto, sabe o que faz e suas consequências, mesmo tendo uma visão um pouco fantasiada da realidade, possui características narcísica compensatória.

3.2.5 Sujeito V - Histórico de vida e criminal: Vagner

“Tenho vinte e oito anos, tenho uma irmã mais nova do que eu; meus pais são separados, mas foram casados por vinte anos, e se separaram por que minha mãe me defendia demais, até quando eu estava errado. Eu me envolvi com coisa errada aqui em Goiás, eu roubava com os colegas, na verdade eu roubava nem era por que eu precisava era mais pra curtir com a turma mesmo, eles me desafiava e eu ia lá e fazia, só pra curtir, até que um dia minha mãe descobriu e meu pai queria me matar, mas minha mãe entrou no meio e não deixou, eu ainda era de menor nessa época. Aí eles brigaram e se separaram.

Nunca tive nenhum problema de saúde, fiquei internado uma vez só quando eu tinha uns cinco anos, eu tinha ido com meu pai numa marcenaria arrumar umas madeiras, meu pai era pedreiro e usava a madeira pra trabalhar, aí enquanto meu pai estava conversando com o homem da marcenaria eu andei entra as toras de madeira, uma delas rolou e caiu em cima de mim, fiquei em coma por oito dias, nesses dias não me lembro de nada, mas ouvia minha mãe chorar e me pedir pra não morrer, isso eu me lembro bem. Fora isso nunca fiquei doente e nunca tive que ir a um hospital.

Minha mãe e meu pai sempre trabalhavam fora, minha mãe numa empresa de aves e meu pai como pedreiro, eu passava a maior parte do tempo sozinho, brincava sozinho mesmo e me virava. Minha mãe e meu pai brigavam muito meu pai batia na minha mãe e como eu era pequeno nunca podia fazer nada, eu ficava só olhando. Até que um dia eu tinha doze anos, nós fomos numa festa e meu pai bebeu muito e na hora de embora minha mãe pediu pra ele não dirigir, mas ele não aceitou e foi, no meio do caminho ele bateu o carro numa arvore e começou agredir minha mãe dizendo que a culpa era dela, aí nesse dia eu não aguentei e parti pra cima dele, como ele estava bêbedo consegui bater nele, mas ele correu pra casa e disse que ia buscar uma arma e ia me matar, eu sai correndo de fugi, fiquei fora de casa uns

três dias, mas minha mãe chorava muito e pedia pra mim voltar. Depois disso sempre a gente brigava, eu enfrentava ele, fugia, passava dias sem voltar pra casa, porque ele sempre teve arma em casa, me lembro de um dia que eu reprovei de ano na sétima série que ele colocou uma espingarda na minha cabeça porque eu tinha reprovado. Minha vida foi assim por muito tempo, até eu ser preso pela primeira vez a oito anos atrás, eu fui preso por homicídio.

Eu estava sendo ameaçado por um traficante e pra não morrer eu resolvi fazer primeiro, só que eu não tenho coragem de matar ninguém e por isso chamei um colega pra me ajudar, eu pilotei a moto e ele deu o tiro, só que na fuga nós caímos e a polícia pegou a gente. O traficante morreu só que na cadeia tinha um monte de gente que era amigo dele, que depois queriam vingar a morte dele, todo mundo queria me matar aqui dentro, foi quando uns quatro fizeram um acordo comigo, eles iriam me proteger aqui dentro mais quando eu saísse eu teria que ajudá-los a fugir. E assim aconteceu, depois de três anos sai na condicional e ajudei os caras a executar o plano deles de fuga, só que eles me enganaram e mudaram o plano na hora, na fuga só os quatro saíam, só que na verdade fugiram onze, a coisa fugiu do controle e eu fui baleado, e por isso tive que ficar e fui preso de novo.

Na hora da fuga ouve uma troca de tiro e um policial também foi baleado, e colocaram a culpa em mim, só que eu não estava armado, mas como já estava todo enrolado e não adiantava tentar me defender deixei. Só que a coisa ficou grande e aqui dentro fiquei sendo visto como o mais perigoso, o cara que enfrenta polícia, que mata traficante, depois disso os caras me vê como o chefe da cadeia, e por isso todo mundo tem medo de mim. Só que na verdade me considero um bandido de fachada, por que a coisa foi acontecendo sem eu querer e as pessoas entenderam do jeito delas, só que é isso que me protege aqui dentro, mas na verdade eu não sou nada disso que o povo pensa. Mas se um dia eles deixarem de pensar assim eu sou um homem morto aqui dentro.

Não recebo visitas a cinco meses, quem vinha era a minha mãe, a minha irmã me avisou da primeira vez que fui preso que se eu caísse de novo ela nunca mais viria me ver, e assim aconteceu, eu cai e por isso faz cinco anos que não vejo nem ela e nem meu pai.”

Vagner cumpre pena por um homicídio qualificado e tentativa de homicídio.

I	<p>Algo dobrado que foi feito “assim e depois assim”</p> <p>1. duas mãos, parece por causa do formato; geralmente quando estamos orando. Então lembra a hora que estamos orando.</p> <p>2. duas pernas, pela altura de onde está o desenho, não tem corpo definido.</p> <p>T: O enigma</p> <p>S: socorro</p>	<p>1. Dd F+ kp Hd</p> <p>2. Dd F+ Hd</p>	<p>Limitação perceptiva do campo existencial, nível esquizóide da estruturação do campo perceptivo. Se omite na elaboração do todo. Impotência da sua presença.</p>
II	<p>1. Uma rocha com um buraco, parece por causa do formato e da cor.</p> <p>2. duas pessoas agachadas com as mãos levantadas tipo de um cumprimento ou uma oração.</p> <p>T: comunhão</p> <p>S: reflexão</p>	<p>1. Ddbl Cclob F+- Nat</p> <p>2. DG F+ Ksimb Hdual</p>	<p>Desatenção seletiva ao vermelho, tentativa de não ser pego ao flagrante frente aos atos violentos.</p> <p>Estrutura colaborativa, respeitosa e ética. Alteridade.</p>
III	<p>1. duas pessoas agachadas segurando alguma coisa, tipo uma bolsa, parece porque é bem caricaturada, a forma bem definida, estão tipo deixando alguma coisa no chão.</p> <p>2. parece que os corações delas estão se encontrando. Parece pela cor e pelo formato, parece que estão trocando alguma coisa pelos sentimentos.</p> <p>T: razão x emoção</p> <p>S: o que você prefere?</p>	<p>DG F+ Ksimb -> <- kob Hdual</p>	<p>Prognóstico ético, atitude de solidariedade e de respeito, retidas quando as mesmas podem expor sua violência. Estrutura de uma dimensão colaborativa respeitosa, ética, percepção da alteridade.</p>
IV	<p>“Que que é isso meu Deus!”</p> <p>Não vejo nada!</p> <p>1. bicho cavernoso.</p>	<p>Choque ao arquétipo</p> <p>GCclob F+- Adet</p>	<p>Vivencia um momento de potência e impotência.</p>
V	<p>1. parece um morcego devido as asas, a cabeça e os pés. “Sozinho desse jeito, está parecendo eu.”</p> <p>T: o morcego</p> <p>S: solidão</p>	<p>GF+A</p>	<p>Vivencia sentimentos de solidão.</p>
VI	<p>1. Parece tipo de lagarta por causa da parte de cima, as perninhas, lagarta é o primeiro estágio da borboleta. Parece que a lagarta levou uma chinelada na parte de trás, está espatifada querendo sobreviver.</p>	<p>G F+ Adet (kobl)kp >< Ksimb</p>	<p>Manifesta situação de conflito, não possui adesão ao mal, sacrifica o bem, a violência como defesa do bem.</p>

	T: Ainda tem jeito S: perseverança		
VII	<p><i>"Esse trem é muito macabro"</i></p> <p>1. parece dois rostos de duas meninas, rosto feminino olhando uma pra outra, parece pelo formato, tipo um olhar de interrogação.</p> <p>T: face a face S: Dúvida</p>	Comentário disfórico 1. Dd F+ Ksimb kobl kp ><	Dúvida frente os sentimentos maternos, sentimento de rejeição.
VIII	1. Mapa de alguma coisa com vários caminhos adversos, uns bem mais largos, outro mais estreitos. Parece por causa do formato e da cor.	G F-+ geog	Perdido no mundo comum, na busca de caminhos, dilemas na sua convivência no mundo comum.
IX	<p>- Rejeitou a prancha, só emitiu resposta numa última tentativa no fim do teste.</p> <p>1 . Dois fetos por causa do formato, parece um corpo, mas está sem vida.</p> <p>T: S:</p>	Tentativa rejeição Dd F+- (H) desv	Rejeição do materno, acusa o materno por não tê-lo formado, o deixou como se fosse um feto. Ainda se sente humano primitivo; inconscientemente denuncia ausência dos cuidados maternos tanto de ordem física quanto de ordem espiritual.
X	<p>1. duas lagartas, com monte de bichinhos ao redor, são uns bichinhos meio extraterrestre.</p> <p>2. dois besouros por causa do formato.</p> <p>3. dois cavalos marinho por causa do formato e da cor.</p>	1. Dd F+ Aduál 2. Dd F+ Aduál 3. Dd F-+ Aduál	Possui presença no campo.

PSICOGRAMA DO SUJEITO V

Total

R:14

G: 06 (43%)

K: 04

A: 04

D: 01 (7%)

Kob: 03

Adet: 02

Dd: 07

Kp: 03

IR: 75% (III, V, X)

F: 14

Hd: 02

TRI: Introversivo (K>C)

F+: 09

H: 02

Clob: 02

(H) det: 01

O sujeito V apresentou no teste *Rorschach* e na história de vida ter limitação perceptiva do campo existencial, nível esquizóide da estruturação do campo perceptivo. Se omite na elaboração do todo com impotência de sua presença. Possui estrutura colaborativa, respeitosa e ética com o outro, porém, retidas quando as mesmas podem expor sua violência. Vivencia um momento de potência e impotência, onde não possui adesão ao mal, mas sacrifica o bem, usa da violência como defesa do bem. Manifesta situação de conflito e dúvida frente os sentimentos maternos sentindo-se rejeitado e assim também rejeita o materno com acusações de abandono e descaso em momentos de formação física e psicológica e por isso ainda se sente humano primitivo. Vivencia sentimentos de solidão, se sente perdido na busca de caminhos, com dilemas na sua convivência no mundo.

3.3 Análise e Discussão

Os dados colhidos da própria realidade vivenciada por cinco sujeitos na prática delitiva do crime de homicídio pertencente à população carcerária de Rio Verde, Goiás, revelam conteúdos que confirmam as principais teorias da literatura consultada sobre as temáticas levantadas.

Pode-se verificar que os sujeitos os cinco sujeitos em estudo apresentaram baixos índices de produtividade mental para adultos por emitirem números inferiores a três respostas por prancha. O sujeito IV além de emitir poucas respostas rejeitou as pranchas VII, IX e X, como mecanismo de defesa. Pode-se inferir que a baixa produção de respostas tem relação direta ao tempo de aprisionamento, devido aos anos com pouco ou até nenhum contato com mundo externo.

Relembrando a teoria de Adrados (1976) sobre o tipo de Ressonância Intima, foi verificado que os sujeitos I e II são possuidores do tipo Extratensivo, pois diante da tensão

externa tem facilidade de perder o controle emocional, motilidade excitável. Próprio de histéricos, é influenciável pelo ambiente, é mais objetivo e materialista, é instável e lábil. Sua inteligência é mais reprodutiva que criadora. São egocêntricos pois as respostas de movimento humano estão ausentes, o índice de estereotipia é bastante elevado, tem pouca consciência da interpretação, a função do pensamento disciplinador e lógico é muito pobre e o número de percepções globais muito restritos.

Analisando a história de vida e criminal dos sujeitos podemos correlacionar o tipo de ressonância íntima, aos crimes cometidos com extrema violência pelos sujeitos I e II e ainda as respostas nos protocolos com conteúdo de sangue, deteriorização, desvitalização, explosão (baixo controle dos impulsos), as respostas Clob (escuro) interpretados como trevas, a escuridão, a maldade cometida na noite, as trevas.

Já os sujeitos e os sujeitos III, IV e V são do tipo intratensivo, pois as respostas de movimentos são predominantes sobre as de cor e assim tende a viver intensamente as fantasias e imaginação: pensa e elabora mentalmente mais do eu age. O introversivo volta-se mais a neurastenia. Crianças e adolescentes com esse tipo são dificilmente educáveis, críticos e individualistas, podendo sentir-se isolados.

Através dos dados apurados pelo exame *Rorschach* foi possível identificar e classificar as respostas dentro a teoria mencionada anteriormente por Petrelli *apud* Hermam *Rorschach* (1984 – 1922) nos critérios diagnósticos indicativos de patologias pois o sujeito IV rejeitou três das dez pranchas apresentadas, indicando impotência interpretativa e tentativa ou medo de se condenar.

Os sujeitos I (50%), IV (75%) e V (43%) apresentaram índices superiores a média (30%) de respostas G o que segundo a teoria de H. *Rorschach* é indicativo de defeito das operações de análise. Já o sujeito III emitiu 21% de respostas G o que indica uma

peculiaridade de uma personalidade maximamente analítica, indutiva e interessada aos particulares.

No que diz respeito ao índice de realidade na teoria de Micchielli (1968) verificou-se que os sujeitos II, III, IV e V são possuidores de 75% do índice de realidade, pois foram capazes de identificar três das quatro figuras banais do teste, segundo Vaz (1997) são sujeitos que possuem habilidade ou condição de perceber o que a maioria dos indivíduos do seu grupo de referência percebe. Já o sujeito I apresentou apenas 25% do índice de realidade identificando a banalidade somente na prancha V.

Referente a impulsividade Segundo Petrelli *apud* H. *Rorschach* (1984 – 1922) verificou-se que o sujeito I e IV apresentaram serem possuidores de controle cognitivo frágil, insuficiente, indicador de tensões internas preexistentes aos estímulos externos criando um potencial explosivo, submerso, onde a impulsividade é mais iminente e mais perigosa quando acontece, pois, emitiram respostas com determinantes em CF, C e conteúdos vulcão. Além disso o sujeito I não emitiu nenhuma resposta codificável em K, tornando-se extremamente perigoso, indicando um comportamento absolutamente descontrolado e com agravante pois seu índice de realidade é baixo. O sujeito II emitiu respostas C o que manifestam um emocional sem articulação com dimensão cognitiva.

Os sujeitos IV e V mostram ser possuidores de impulsividade mobilizada a curto circuito, devido as respostas kob, o que indica a impotência da componente conativa – volitiva frente o “quantum” de impulsos mobilizados pela carga instintiva, característica significativa dos epiléticos segundo a teoria de Hermann *Rorschach*. Pode-se verificar que de acordo com a história de vida dos dois sujeitos (IV e V), os mesmos foram vítimas de graves acidentes o que causou coma por vários dias em ambos, o sujeito IV relatou não fazer uso de medicação e não sofrer desmaios ou convulsões, já o sujeito V faz uso de medicações e sofre desmaios e convulsões constantes.

Para Minkowski (1961) a espera é um fenômeno que se contrapõe a atividade, ela ocorre quando a atividade é paralisada e imobilizada e no fluxo da vida sentimos o futuro vindo ao nosso encontro, quando nos esmagando. A atividade e a espera são atitudes fundamentais do indivíduo para com o mundo e a vida: de *protenção* ou *retenção* respectivamente. Os sujeitos IV e V não apresentaram capacidade de espera, são dominados pelos impulsos, maníaco, agitado, (K<kobjF), o sujeito I, II e III apresentaram ser possuidor de intencionalidade destrutiva, personalidade perversa (K-).

No que se refere ao desejo referido por Petrelli *apud* Minkowski (1961) os sujeitos I, II, III e não são possuidores de desejos, pois apresentaram respostas de conteúdos desfigurados, deteriorados, já o sujeito IV apresentou ser possuidor dos potenciais dos desejos (Kan) e o sujeito V possui desejos, mas não possui capacidade de espera para realiza-los (K).

Somente os sujeitos IV e V foram capazes de identificar os humanos na dualidade de uma alteridade na prancha III, os sujeitos I, II e III não emitiram respostas Hdual sendo estas substituídas por respostas de conteúdos A e segundo Petrelli *apud* H. *Rorschach* a incapacidade de perceber nas formas das manchas do *Rorschach* a figura humana na III prancha constituindo-se alteridade na dualidade é expressiva de um primitivismo, não apenas psicológico- cultural- social e ético, mas às vezes, filogenético.

Os sujeitos II e V emitiram respostas de conteúdos humanos deteriorados e desvitalizados o que segundo Hermann *Rorschach* conotam os atos impulsivos de características antiéticas, agressivas contra a dignidade da figura humana. Esta percepção vem compor a representação thanática, própria da experiência esquizofrênica e também intenções e ações de morte, como atores da mesma ou como vítimas segundo H. *Rorschach apud* Rodolfo Petrelli (2008), os sujeitos III e V emitiram respostas (H) indicativo de uma solidão, um excesso do humano imaginário, compensando uma perda do humano autêntico, real, vivente na integridade corpo e alma. Essa perda no sujeito III é percebida nas projeções do teste e

confirmada na história de vida o mesmo, pois este se encontra em solitária a vários meses por ser considerado pela justiça de grande periculosidade.

No que consiste na identificação da psicopatia no *Rorschach*, Adrados (1980) descreve vários indicadores. Quanto ao ego e o superego, esses encontram frágeis e debilitados, representados por G%, K, F+% alterados, onde G% é rebaixado e seu número bruto é igual ou inferior ao número de K. Além disso, as respostas de movimento são inferiores a três e mal vistas, de conteúdo desvitalizado e habitualmente passivo, que foi observado no sujeito II e II que emitiram respostas K- , apresentam imaturidade afetiva e egocentrismo, representados pela escassez de afetividade no protocolo ou quando a afetividade aparece mostra-se pobre e mal integrada. Os mesmos sujeitos (II e III) também tiveram um aumento nas respostas de Kan indicando forte instabilidade emocional. As respostas de claro-escuro estiveram diminuídas e ausentes nos sujeitos I e III indicando ausência de angústia e culpa.

Dorr e Viani (2006) também destacam alguns indicadores de psicopatia no *Rorschach* dentre eles: A% elevado observados no sujeito III (84%); resposta de “pele” nas pranchas IV e VI; dificuldade de integração visto no sujeito III (pele na prancha IV) que também emitiu poucas respostas G (21%) ; com um aumento das respostas banais indicando atitude de escolhas mais fáceis ou como uma atitude de apego superficial a normas estabelecidas sem que estas tenham sido assimiladas, mas apenas para serem manipuladas como objetos para alcançar suas necessidades. E quando a atitude antissocial é mais acentuada aumentam as respostas C (cor pura) como foi observado no sujeito II.

Vaz (1986) afirma que o transtorno de personalidade antissocial pode ser diagnosticado pelas seguintes variáveis encontrados no psicodiagnóstico *Rorschach*: a presença de cor forçada e cor arbitrária, encontradas nos sujeitos I e II, sendo a expressão da labilidade afetiva, relacionamento meramente superficial e formal; é o tipo de relacionamento pela troca de alguma coisa, expressa à busca do atendimento a necessidade afetiva sem o

devido controle sobre a maneira como conseguir, outro sinal específico n *Rorschach* do transtorno de personalidade antissocial é o linguajar empolado, com fraseado rico e algumas vezes retórico, razoavelmente ordenado e controlado, quer durante a fase de aplicação, quer na do inquérito, característica observada no sujeito IV. Em suma, a verbalização da pessoa com esse tipo de transtorno é observavelmente escorregadia, vaga e envolvente durante todo o exame com a técnica do *Rorschach*. Dificilmente aparecem respostas com sombreado e cor acromática, uma vez que o examinando consegue controlar intelectualmente a ansiedade, também não é comum a incidência de cor acromática; o sujeito usa os controles e a labilidade para se proteger da depressão. Os sujeitos I, II e V tiveram o percentual de F dentro da média, uma vez que o antissocial consegue controlar racionalmente ou intelectualmente o ambiente; o indivíduo tenta atrair a pessoa do examinador, destacando seus predicados positivos, elogiando-lhe qualidades, não apresenta choque de estupefação, e o índice de FK é baixo.

CONCLUSÃO

Considerando o resultado desse trabalho modesto e ao mesmo tempo promissor. Modesto, porque limitado pelas condições de tempo e de trabalho no âmbito jurídico, promissor, por propor uma reflexão sobre o mundo do criminoso, bem como mostrar um instrumento capaz de abrir novos rumos para a pesquisa. O Psicodiagnóstico *Rorschach* é eficiente e adequado aos objetivos de colher e compreender o homem, a sua presença na plenitude de condição humana.

No decorrer deste trabalho foi possível confirmar as informações que a rica literatura sobre o assunto nos trouxe, a existência de psicopatologias em autores de crime hediondo, presente de forma discreta ou acentuada os transtornos de personalidade antissocial e narcísico, a epilepsia, entre outros transtornos aqui não abordados fazem parte constituinte ou até determinante do indivíduo criminoso cruel.

Não se pode também deixar de fora a história de vida dos sujeitos aqui estudados que no geral foram marcadas pela desestrutura familiar, abandono, drogas e violência, fazendo do crime uma opção simples e comum, onde o outro perde por completo seu valor de humano. Portanto isolada ou associada as psicopatologias, a desestrutura familiar, drogas e a falta de apoio político e social, são forças determinantes para o crime, o que explicaria as altas taxas de homicídios existentes no Brasil.

A psicologia tem por objetivo colher a essência dos fatos e dos indivíduos buscando entender como os mesmos se processaram na consciência, na inconsciência e na intencionalidade dos seus autores, podendo se manifestar em imagens, em símbolos e em gestos. E o Psicodiagnóstico *Rorschach* é uma ferramenta perfeita que está serviço da psicologia no auxílio do direito na busca incessante de conhecimento sobre as mais diversas personalidades e comportamentos, pois o comportamento humano não é apenas complexo e indeterminado, mas também condicionado e limitado pela subjetividade dos

experimentadores, observadores e operadores das variáveis psicológicas sociais e jurídicas, o comportamento humano é acima de tudo misterioso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Augras, M.(1978) *O ser da compreensão*. Fenomenologia da situação de psicodiagnóstico.
- Adrados, I. (1976). *Rorschach na adolescência normal e patológica*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Adrados, I. (1980) *Manual de psicodiagnóstico e diagnóstico diferencial*. Petrópolis: Vozes.
- Arzeno, M. E. G. (1995) *Psicodiagnóstico Clínico*. Novas contribuições. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ballone, G. J. (2002) *Comportamento violento - 2 - epilepsia, personalidade e agressividade*. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/forense/violen2.html> Acesso em: jun. 2010.
- Ballone G. J (2008). *Drogadição e Personalidade* - in. PsiqWeb, Internet, Recuperado em: 08/12/2008 de www.psiqweb.med.br.
- Ballone G. J. & Moura E. C. (2008) *Personalidade Psicopática* - in. PsiqWeb, Internet, Recuperado em: 08/12/2008 em www.psiqweb.med.br.
- Barlow, David H., Durand, V.(2008) *Mano de Psicopatologia: uma abordagem integrada*. Tradução: Roberto Galman. São Paulo: Cengage Learning.
- Beck, A. T. (2005) *Terapia cognitiva dos transtornos de Personalidade*. Porto Alegre: Artmed.
- Berke H. J. (1992) *A Tirania da Malícia: Explorando o lado sombrio do caráter e da cultura*. Editora Imago. Rio de Janeiro.
- Berlinck, M. (1998) *O que é Psicopatologia Fundamental*. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental.
- Binswangr, L. (1973) *Essere nel Mondo: com uma introduzione critica ala sua analisi esistenziale di Jacob Needleman*. Roma, Astrolabio.

- Brasil. (1940) *Decreto-lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940*. Código Penal. Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 1940; 119º da Independência e 52º da República.
- Brasil. (1990) *Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990*. Dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do art. 5º, inciso XLIII, da Constituição Federal, e determina outras providências. Brasília, 25 de julho de 1990; 169º da Independência e 102º da República.
- Bruns, M.A.T. & Holanda, A.F. (2001) *Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: Reflexões e Perspectivas*. São Paulo: Omega.
- Camargo Jr., Kenneth R. (2005). *A biomedicina*. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.177-201.
- Cheniaux J.R., E. (2005) *Manual de Psicopatologia*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.
- Chechin, F. A. (1985) *Fenomenologia da Temporalidade no Psicodiagnóstico Rorschach*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduandos em Ciências Sociais, Fundação Escola de Sociologia Política de São Paulo.
- Chabert, C. (1993) *Psicopatologia no Exame de Rorschach*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Croce, D.; Croce Júnior, D. (1998) *Manual de Medicina Legal*. 4. ed. São Paulo: Saraiva.
- DSM – IV (2004) *American Psychiatric Association*. Tr. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.
- Sousa, I. M. (2004) *Homicídio Passional: Uma Teoria in Extremis*. Dissertação apresentada ao Mestrado de Psicologia da Universidade Católica de Goiás. Recuperado em: 23/08/09. em: <http://docplayer.com.br/5229090-Homicidio-passional-uma-teoria-in-extremis-isabel-maria-de-sousa.html>.
- De Greeff, E. (1946) *Introduction à la Criminologie*. v. 1. Bruxelas: Van der Plas.
- Dorr, A. A.; Viani, S. B. (2006) *La prueba de Rorschach y La personalidad antisocial*. Salud Mental, México, v. 29, v 6, p.23-30. Recuperado em: 20/04/2010 em <<HTTP://redalyc.uaemex .mx/pdf/582/58229604.pdf>>.

- Eluf, L. N. (2007) *A paixão no Banco dos Réus: Casos passionais célebres de Pontes Visgueiro a Pimenta Neves*, 3. ed. São Paulo: Saraiva.
- Feldman, M. P. (1979) *Comportamento criminoso: uma análise psicológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Fernades, N.; Fernades, V. (2002) *Criminologia Integrada*. 2. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.
- Fromm, E. (1997) *Anatomia da destrutividade humana*. (M. A. de M. Matos, trad.). Rio de Janeiro: Guanabara. 2. ed.
- Freud, S. (1921). *O ego e o Id*. Editora Imago. Rio de Janeiro. v.. XIV. 1. ed. 1976.
- Freud, S. (1918) *Linhas de progresso na teoria psicanalítica*. E. S.B., v. XVII, Rio de Janeiro: Imago. 1976.
- Freud, S. (1930 [1929]). *O mal-estar na civilização*. Obras Completas, Ed. Standard Brasileira, vol. XXI, Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- Freud, S. (1939[1934-38]). *Moisés e o monoteísmo*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXIII.
- Gomes, W. B. (1998) *Fenomenologia e pesquisa em psicologia*. Porto Alegre: Editora de Universidade /UFRGS.
- Goffman, E. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- Gunn, J.; Taylor, P. J. (1993) *Forensic Psychiatry. Clinical, legal e ethical issues*. 1st. ed. Londres, 1993.
- Gattaz W. F. (1998) *Violência e doença mental: fato ou ficção?* Revista de Psiquiatria Clínica n. 25, v. 4, p.145-47.
- Holanda, A. F. (2001). *Pesquisa fenomenológica e psicologia eidética: elementos para um entendimento metodológico*. Em M. A. de T. Bruns, & H. A. Furtado (org.), *Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Omega.

- Hare, R. D. (1999) *Without conscience: The disturbing World of the psychopath among us*. New York: Guilford.
- Howard, R. C. (1986) Psychopathy: A Psychobiological perspective. *Pers. Individ. Diff.* n.7, v. 6, p.795-806.
- Huss, M. T. (2011) *Psicologia forense: prática clínica e aplicações/ tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa*. Porto Alegre: Artmed.
- Jaspers, K. (1913). *Causal and "Meaningful" Connections between Life History and Psychosis*. In: Kirsch, S.R.
- Josef, F.; Silva, J. A. R. (2003) Doença mental e comportamento violento: novas evidências da pesquisa. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 52, n. 2, p. 127-35.
- Lacan, J. (1948). *A agressividade em psicanálise*. Em *Escritos* (pp. 104-126). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- Long, P. W. (2000) Violência e pacientes violentos. *Neuropsiconews*, n. 18, p.07-13.
- Lombroso, C., 1835 – 1909. (2001) *O Homem Delinqüente*. tradução, atualização, notas e comentários. Maristela Bleggi Tomasini e Oscar Antonio Corbo Garcia. Porto Alegre; Ricardo Lenz.
- Leal, J. J. (1996) *Crimes hediondos: aspectos político-jurídicos da Lei nº 8.072/90*. São Paulo: Atlas.
- Lopes, M. (2008) *Manual de Psicologia Jurídica*. 2. ed. São Paulo.
- Lorenz, K. (1963) *On Agression*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich. 1. ed Das Sogennannte Bose, Zur Naturgeschichte der Agression. Viena: Borotha-Schoeler Verlag.
- Flacso. (2011) *Mapa da violência 2012: Novos padrões da violência homicida no Brasil*. Recuperado em: 29/12/2011 em <http://www.sangari.com/mapadaviolencia/>
- Marty, P. (1998) *Mentalização e Psicossomática*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Martins, J. (1992) *Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poíesis*. São Paulo: Cortez.
- Monahan, J. (1992) Mental disorder and violent behavior: perceptions and evidence. *American Psychology*, n. 47, p. 511-21.
- Mirabete, J. (1989) *Processo Penal*. 6. ed. São Paulo: Atlas.
- Micchielli, R. (1968) *La Dynamique du Rorschach*. Paris, Presses Universitaires de France.
- Minkowski, E. (1961) *Il Tempo Vissuto*. Torino, Giulio Einaudi. Título original: *Le Temps Vécu*. Delachouse te Niestle Neuchâtel Suisseinland, 1933.
- Monteiro, A. L. (2010) *Crimes Hediondos: texto, comentários e aspectos polêmicos*. 9. ed. São Paulo: Saraiva.
- Moreira, D. A. (2002) *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson.
- Nunes Filho, E. P.; Bueno, J. R. & Nardi, A. E. (2001) *Psiquiatria e saúde mental: conceitos clínicos e terapêuticos fundamentais*. São Paulo: Atheneu.
- Oliveira, O. M. (2003) *Prisão: Um paradoxo social*. 3. ed. Florianópolis: UFSC.
- Petrelli, R. (1989) *Observações às margens de uma Tese Doutoral de 1989 sobre grupos indígenas do Centro-Oeste brasileiro investigados comparativamente pelo Psicodiagnóstico de Rorschach*.
- Petrelli, R. (2001) *Fenomenologia: teoria, método e prática*. Goiânia: UCG.
- Perelberg, R. J. (2004) Narcissistic Configurations: violence and its absence in treatment. *Int. J. Psychoanal*, v. 85, p. 1065-79.
- Rodrigues, A.; Assmar, L.; Jablonski, B. (1999) *Psicologia Social*. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Santiago, M. D. E. (1995). *Psicodiagnóstico: uma prática em crise ou uma prática na crise?* Em M. Ancona-Lopez (Org.), *Psicodiagnóstico: processo de intervenção*, pp. 9-25. São Paulo: Cortez.
- Schults, D. P. & Schults, E. (2004) *Teoria da Personalidade*. São Paulo: Thomson.
- Simon, R. I. (2009) *Homens maus fazem o que homens bons sonham*. Tradução Laís Andrade e Rafael Rodrigues torres. Ed. Artmed.
- Souza, P. V. S. (2004) *A criminalidade genética*. São Paulo: Revista dos Tribunais.
- Storr, A. (1970) *A agressão humana*. (J. Edmond, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Sheneider, K. (1995) *Les Personalités Psychopatiques* (trad. Fr.). Paris, PUF.
- Stuart, H. & Arboleda-Florez, J. E. (2001) A public health perspective on violence offenses among persons with mental illness. *Psychiatric Services*, v. 52, p. 654-9.
- Serafim, A. P. (2003) *Aspectos etiológicos do comportamento criminoso: parâmetros biológicos, psicológicos e sociais*. In: Rigonatti, S. P. (Coord.). *Temas em Psiquiatria Forense e Psicologia Jurídica*. São Paulo: Vetor.
- Teixeira, E.H. (2005) *et al.* Risco de violência e precariedade de recursos assistenciais para casos agudos. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, n. 54, v. 2, p. 155-6.
- Toledo, F. A. (1992) *Crimes hediondos*. Fascículos de Ciências Penais. Porto Alegre.
- Vaz, E. (1997) *O Rorschach: Teoria e Desempenho*. 3. ed. São Paulo: Manole.
- Vieira, M. (2005) *Estudo sobre o Homicídio*. 2. ed. Santo André, SP: Ledix.